



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

NICOLLE PEREIRA MELO

**CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DA ROTINA E
PARTICIPAÇÃO DOS REPÓRTERES BRASILEIROS PELO MUNDO**

Salvador

2022

NICOLLE PEREIRA MELO

**CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DA ROTINA E
PARTICIPAÇÃO DOS REPÓRTERES BRASILEIROS PELO MUNDO**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação – Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Lívia Vieira

Salvador

2022

*"It is our choices that show what we truly are,
far more than our abilities" (Albus Dumbledore)*

AGRADECIMENTO

O jornalismo sempre foi uma profissão que me encantou, inclusive, lembro perfeitamente de assistir ao Jornal Nacional com a minha família antes de ir dormir - para mim, esse era um dos melhores momentos do dia. Foi assim que eu cresci, acompanhando o noticiário por lazer. Com o passar dos anos, comecei a pensar em qual carreira gostaria de seguir. Após um tempo, percebi que o jornalismo era o caminho certo para mim, então insisti nesse sonho; e que bom que eu fiz isso. Estudar em uma universidade federal foi uma experiência muito enriquecedora, pois além de aprender como estudante, aprendi muito como pessoa. No entanto, nada disso seria possível sem o auxílio da minha mãe, Val.

“À procura da felicidade”, esse é um dos filmes favoritos da minha mãe, e nós duas sabemos bem o porquê. Nós enfrentamos, sozinhas, batalhas bem difíceis de serem esquecidas, mas que nos fortaleceram bastante. Com muita luta e parceria, conseguimos vencer esse período complicado. Depois disso, eu entendi que são nas fases mais difíceis que nós percebemos com quem podemos contar; minha mãe é prova disso. Mesmo sem forças, ela não largou minha mão nem por um segundo, e eu sou eternamente grata a ela. Se eu estou aqui hoje, escrevendo essa monografia, foi porque ela acreditou em mim e fez de tudo para me ajudar, como me levar pra faculdade, comprar meus materiais, meus livros e tudo que eu precisava. Mãe, a gente venceu, foi difícil mas a gente venceu.

Outra pessoa importantíssima nesse processo foi a minha avó, Neiva. Até pouco tempo ela morava em outro estado, mas mesmo assim fazia questão de me ligar todos os dias para saber como eu estava e se eu precisava de alguma coisa. Minha vó é uma pessoa incrível, e assim como a minha mãe, esteve ao meu lado sempre. Gostaria de agradecer também ao meu namorado, George, por ser o melhor companheiro que eu poderia ter. George é um dos meus maiores incentivadores e eu sou grata a ele por tudo. Que bom que eu te encontrei.

Acho que seria injusto se eu não agradecesse também a mim, por não ter desistido. Sei que pode parecer clichê essa frase, mas quem me conhece sabe que ela faz muito sentido. Foi na época mais turbulenta da minha vida que eu decidi que essa situação iria mudar e que meus planos tinham que dar certo. Foi muita luta, muito estudo e muitas noites mal dormidas para chegar até aqui, mas hoje tenho certeza que tudo valeu a pena.

Gostaria de agradecer às minhas amigas faconianas Aline, Catarina e Rafaela, que foram essenciais na minha trajetória. Não tenho nem palavras para agradecer a cada uma de vocês, muito obrigada por tudo. Às minhas amigas Tonia, Vanessa e Ísis, que são muito importantes para mim. Quero agradecer também aos meus colegas da Rede Bahia, principalmente à minha amiga Giulia, por sempre acreditar em mim e ter sido a melhor duplinha que eu poderia ter. À minha orientadora Livia, por ter aceitado me guiar nesse processo tão importante da minha vida, muito obrigada por todas as conversas e auxílio.

À minha filha de quatro patas, Malia, por ser a melhor gata do mundo e minha parceira de TCC - ela contribuiu dormindo, mas é o jeito dela de estar presente. Ao meu irmão, Matheus, que mesmo distante torce por mim e eu por ele. E, por último, gostaria de agradecer ao meu pai, por ter me ajudado com os estudos até o ensino médio e por ter me dado todo o suporte necessário quando eu era pequena.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema a atividade exercida pelos correspondentes internacionais, em especial, de veículos brasileiros de televisão. O estudo descreve as principais demandas exigidas desses profissionais, a rotina e a importância da participação de repórteres brasileiros em coberturas estrangeiras, como a pandemia da Covid-19, Guerra na Ucrânia e a morte da rainha Elizabeth II. Para uma melhor compreensão, foram realizadas três entrevistas em profundidade com os seguintes correspondentes internacionais: Bianca Rothier, Rodrigo Carvalho e Sandra Coutinho. Este estudo buscou identificar as principais condutas desenvolvidas na profissão e concluiu que o jornalismo praticado no exterior apresenta diversos desafios, como a imprevisibilidade da rotina, adaptação aos fusos horários - do Brasil e do país em que residem -, que tem como consequência a pesada carga de trabalho e a responsabilidade de reportar assuntos internacionais sem perder o “olhar brasileiro”.

Palavras-chave: Jornalismo internacional. Correspondentes internacionais. Rotina. Coberturas estrangeiras.

ABSTRACT

This Course Completion Work has as its theme the activity carried out by international correspondents, in particular, from Brazilian television vehicles. The study describes the main demands required of these professionals, the routine and the importance of the participation of Brazilian reporters in foreign coverage, such as the Covid-19 pandemic, the War in Ukraine and the death of Queen Elizabeth II. For a better understanding, three in-depth interviews were carried out with the following international correspondents: Bianca Rothier, Rodrigo Carvalho and Sandra Coutinho. This study sought to identify the main behaviors developed in the profession and concluded that journalism practiced abroad presents several challenges, such as the unpredictability of routine, adaptation to time zones - in Brazil and in the country in which they live -, which results in a heavy workload of work and the responsibility to report international affairs without losing the “Brazilian look”.

Keywords: International journalism. International correspondents. Routine. Foreign coverages.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Inauguração da TV Globo.....	28
Figura 2 - Cobertura da Revolução dos Cravos.....	40
Figura 3 - Armando Nogueira e Cid Moreira na bancada do Jornal Nacional.....	42
Figura 4 - A primeira correspondente da Globo na Europa.....	43
Figura 5 - Ao vivo sobre a indicação de Trump para Suprema Corte.....	55
Figura 6 - Londres em lockdown na pandemia da Covid-19.....	58
Figura 7 - Uma das primeiras brasileiras vacinadas no Reino Unido.....	58
Figura 8 - Matéria de Bianca Rothier sobre o recorde de novos casos de Covid-19.....	60
Figura 9 - Matéria de Rodrigo Carvalho sobre a Guerra na Ucrânia.....	63
Figura 10 - Movimento de saída nas fronteiras da Ucrânia.....	63
Figura 11 - Publicação sobre os voluntários na fronteira da Ucrânia com a Polônia	64
Figura 12 - Operação de repatriação de brasileiros que fugiram da guerra	66
Figura 13 - Cobertura em Kiev no ano de 2014	67
Figura 14 - Biden repercute sobre a Guerra na Ucrânia	69
Figura 15 - Cerimônia de coroação da rainha Elizabeth II	70
Figura 16 - Anúncio da morte da rainha em frente ao Palácio de Buckingham	71
Figura 17 - Corpo da rainha Elizabeth II é sepultado em Windsor	72
Figura 18 - Carro funerário com o caixão da rainha segue para o Castelo de Windsor	74
Figura 19 - Homenagens à rainha Elizabeth II no Palácio de Holyroodhouse na Escócia.....	75
Figura 20 - Desafios que poderão ser enfrentados pelo rei Charles III	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. JORNALISMO INTERNACIONAL.....	13
1.1 O SURGIMENTO DO JORNALISMO INTERNACIONAL.....	13
1.2 AS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS	15
1.3 A CHEGADA DA IMPRENSA NO BRASIL	19
1.4 O JORNALISMO INTERNACIONAL PRATICADO NO BRASIL.....	22
1.4.1 A importância do rádio	25
1.4.2 Televisão aberta.....	26
1.4.3 Televisão por assinatura.....	28
2. CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS.....	31
2.1 OS PRIMÓRDIOS DA PROFISSÃO.....	31
2.2 DEFINIÇÃO DOS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS.....	32
2.3 MODELOS DE COBERTURAS INTERNACIONAIS.....	36
2.4 ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS.....	38
2.5 CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS DE VEÍCULOS BRASILEIROS.....	39
3. ANÁLISE DE ENTREVISTAS COM CORRESPONDENTES.....	45
3.1 A ROTINA DOS CORRESPONDENTES BRASILEIROS	47
3.2 COBERTURA DA PANDEMIA DA COVID-19	53
3.3 COBERTURA DA GUERRA NA UCRÂNIA	60
3.4 COBERTURA DA MORTE DA RAINHA ELIZABETH II	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	80

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para esta monografia surgiu inicialmente do meu interesse pela profissão, uma vez que sempre admirei a maneira como os correspondentes internacionais conseguem acompanhar de perto alguns dos principais acontecimentos históricos. Após entrar na faculdade e ter tido a experiência de estagiar em uma afiliada da Rede Globo, percebi o quanto é importante compreender o trabalho desempenhado por cada profissional da área, afinal, a redação é um ambiente integrado em que é preciso conhecer todos os processos. Levando em consideração esses princípios e o fato de que vivemos em um contexto em que as coberturas internacionais estão ganhando grande destaque, decidi analisar a prática desempenhada por esses profissionais.

Dessa forma, este Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo irá analisar a rotina dos correspondentes internacionais brasileiros, em especial, da TV Globo/GloboNews. O objetivo geral deste estudo é compreender a atividade exercida e a rotina desses profissionais. Para isso, os objetivos específicos que irão nortear esta monografia são: entender as origens do jornalismo internacional; analisar aspectos da rotina profissional, como adaptação ao fuso horário e processo de produção das notícias; e, por meio de coberturas emblemáticas, compreender os desafios, pontos positivos e negativos da carreira, pelo olhar dos entrevistados.

Tendo em vista a carência de literatura referente à historiografia dos correspondentes internacionais de veículos brasileiros, este estudo pretende contribuir nessa área, fazendo uma pesquisa qualitativa por meio da técnica de entrevista em profundidade com os seguintes correspondentes da TV Globo/GloboNews: Bianca Rothier, Rodrigo Carvalho e Sandra Coutinho. A repórter Bianca Rothier mora em Genebra, na Suíça; Rodrigo Carvalho mantém domicílio em Londres, capital da Inglaterra; já a jornalista Sandra Coutinho reside em Nova York, nos Estados Unidos. Assim como os outros dois profissionais, ela é repórter internacional há mais de dez anos.

Esta monografia foi dividida em três grandes capítulos, sendo eles: Jornalismo Internacional, Correspondentes Internacionais e, por fim, a Análise de Entrevistas com

Correspondentes. O primeiro capítulo irá trazer um breve retrospecto histórico do surgimento do jornalismo internacional e, em seguida, irá destacar o papel das agências de notícias. Feito isso, será analisada a chegada da imprensa no Brasil e o jornalismo internacional praticado em território brasileiro. Diferentemente dos outros países da América Latina, o surgimento da imprensa no Brasil colonial demorou para acontecer (LUSTOSA, 2004, p.07), assim como a estruturação da editoria internacional, que só foi acontecer a partir do final dos anos 1950. (AGUIAR, 2008, p. 05). Em relação a isso, é importante destacar três fatores que contribuíram para o desenvolvimento do jornalismo - o rádio, a televisão aberta e a televisão por assinatura.

De acordo com Natali (2004), no Brasil, o rádio nasceu no Rio de Janeiro em 1922. Alguns anos depois, em 1941, ia ao ar o primeiro Repórter Esso, um programa que contava com notícias locais, nacionais e internacionais. Sendo assim, é possível dizer que essa foi a primeira vez que as notícias vindas do exterior faziam parte, de maneira sistêmica, no rádio brasileiro. (NATALI, 2004, p.45). Já o primeiro programa de televisão foi ao ar no Brasil em 1950, pela TV Tupi de São Paulo. Alguns anos depois, foi inaugurada a TV Globo, diretamente do Rio de Janeiro, e a GloboNews, primeiro canal brasileiro de jornalismo 24 horas. Levando em consideração que os correspondentes internacionais entrevistados neste estudo são da TV Globo/GloboNews, será feita uma breve análise de ambos os canais.

No capítulo dois, serão descritos alguns pontos fundamentais que norteiam a carreira dos correspondentes internacionais, assim como, os primórdios da profissão. Antes de tudo, é importante ressaltar que o correspondente internacional é um repórter fixado em um país estrangeiro com o objetivo de produzir um material exclusivo para a sede do veículo em que trabalha, sem depender exclusivamente das agências de notícias. No Brasil, o noticiário internacional ganhou destaque durante o período da ditadura militar, entre os anos de 1964 a 1985 (JN: 50 ANOS DO TELEJORNALISMO, 2019, p. 245), isso porque, o noticiário nacional sofria com a censura imposta e, por isso, o jornalismo praticado no exterior acabou se tornando uma “válvula de escape”. Nessa época, o Brasil manteve um número maior de jornalistas em terras estrangeiras (AGNEZ, 2014, p.130), inclusive, a Globo inaugurou os dois primeiros escritórios internacionais na década de 70, sendo um em Nova York, em 1973, e o outro em Londres, em 1974.

Por fim, o capítulo três irá analisar a atuação dos correspondentes internacionais da TV Globo/GloboNews, levando em consideração aspectos da rotina de trabalho de cada repórter. Além disso, este estudo irá analisar a participação dos jornalistas Bianca Rothier, Rodrigo Carvalho e Sandra Coutinho durante as seguintes coberturas: a pandemia da Covid-19, a Guerra na Ucrânia e a morte da rainha Elizabeth II. Esses acontecimentos foram escolhidos devido à relevância internacional e caráter histórico das notícias.

1. JORNALISMO INTERNACIONAL

Para compreender o papel desempenhado pelos correspondentes estrangeiros de veículos brasileiros, este estudo analisa primeiramente as origens do jornalismo internacional, que em sua essência serve como base para a atividade exercida por esses profissionais. Por ser uma pesquisa voltada para os repórteres brasileiros, este Trabalho de Conclusão de Curso repercute algumas fases da imprensa no país e a importância tanto do rádio quanto da televisão para a disseminação do trabalho praticado hoje pelos correspondentes internacionais.

1.1 O SURGIMENTO DO JORNALISMO INTERNACIONAL

O jornalismo internacional é a espinha dorsal para compreensão do papel dos correspondentes estrangeiros. Do ponto de vista histórico, o exercício do jornalismo, tal como conhecemos hoje, já nasceu internacional. Ainda no mercantilismo - período de transição do feudalismo para o capitalismo entre os séculos XV ao XVIII - o jornalismo impresso possibilitou a circulação das notícias sobre o que acontecia em diferentes terras, inclusive as mais distantes. (NATALI, 2004. p. 22) Sendo assim, o surgimento do jornalismo está essencialmente vinculado ao jornalismo internacional.

O Jornalismo como atividade profissional já teria nascido internacionalmente em seus primórdios, pois os veículos de imprensa pioneiros – originados no contexto da ascensão da burguesia na Europa nos séculos XVII e XVIII – foram criados principalmente para informar leitores locais (em grande parte, comerciantes e banqueiros) sobre fatos acontecidos no exterior. (BRASIL, 2012, p.777)

Nessa época nasceram os chamados “corantos”; folhas informativas que surgiram na Holanda. Embora o termo possa ser novo para muitos, o conceito não é tão novo assim, tendo em vista que se refere às notícias atuais. No início, essa comunicação era usada como um instrumento para difundir, principalmente, assuntos políticos e econômicos em destaque nesse período. Além disso, o leitor tinha a garantia de receber informações asseguradas pela periodicidade regular; ou seja, os dados recebidos seriam os mais recentes possíveis. (NATALI, 2004, p.24)

Mas esse não é o único exemplo, muito menos o primeiro, relacionado à origem da

comunicação, em especial, relacionada ao nascimento da atividade jornalística; por isso, é preciso voltar um pouco mais no tempo. É natural do ser humano se comunicar, e os nossos antepassados descobriram logo cedo o poder da informação. As Actas romanas, por exemplo, são consideradas por muitos como os primeiros “jornais”. Todavia, até hoje não se sabe muito bem a origem desse modelo e como era organizado em sociedade.

Embora não seja transparente o processo de elaboração, é possível pensar que as Actas eram recopiadas de forma manuscrita. “As Actas seriam, assim, recopiadas (sempre sob forma manuscrita), vendidas e expedidas por oficinas especializadas, que disso faziam o seu negócio. É possível, aliás, que tenha havido particulares a produzirem e venderem as suas próprias actas, pois as fontes clássicas revelam que, a dado ponto, o que se publicava nas actas fugiu do controlo do Estado Romano”. (SOUSA, 2008, p. 20).

O primeiro exemplo seguro de jornalismo na história da humanidade, ainda que, como é lógico, não reúna todas as características que se exigem atualmente, mas muitas mais do que sem os dados contrastados de uma investigação rigorosa se pudesse pensar, aparece em Roma. O enorme desenvolvimento político, social, económico, territorial e em numerosos aspectos mais logrado pelo mundo latino provoca o nascimento e a utilização dos meios de comunicação dos quais uma comunidade organizada e evoluída não pode prescindir. (HERNANDO CUADRADO, 2007, p. 11 apud SOUSA, 2008, p. 19)

Em relação ao comércio de notícias na Europa, Thompson (2002, p.63) realizou uma análise em que é possível listar quatro fases da comunicação que antecedem a imprensa. A primeira rede de comunicação está essencialmente relacionada à Igreja Católica, tendo em vista que foi implementada e administrada por essa instituição. Nessa primeira fase existia uma relação entre a igreja e as elites políticas, como menciona o autor.

A segunda rede de comunicação acontecia entre as autoridades políticas dos principados e dos estados. A terceira fase da comunicação que antecede a imprensa estava vinculada à expansão da atividade comercial, sendo esse o período do mercantilismo. A última rede de comunicação é a rede de comerciantes, como os trovadores e contadores de histórias. (THOMPSON, 2002, p.63). Com o passar dos anos, Thompson destaca que a comunicação postal ganhou forças e que essa rede forneceu serviços postais domésticos e também internacionais.

É importante ressaltar que nessa época a informação demorava mais tempo para ser difundida, isso porque, diferente dos dias atuais, a mensagem precisava ser transportada com o auxílio de cavalos e carruagens, por exemplo; o ritmo de cada processo era mais lento. Segundo o autor, gradualmente veio a imprensa - que foi utilizada na disseminação de notícias - os folhetos informativos, e uma série de mecanismos que foram surgindo com o intuito de levar a comunicação cada vez mais longe.

O acesso a esses primeiros dispositivos pré-jornalísticos, que surgiram a partir do século XVI, era essencial, já que as pessoas dependiam da leitura deles para se informar sobre dados políticos e econômicos mais atualizados, tais como mercado, os clientes e todo tipo de negócio que estavam distantes. Eram essas informações que os orientavam em decisões. Muitas dessas primeiras formas de jornal se preocupavam principalmente com notícias do estrangeiro, isto é, com eventos que estavam acontecendo, ou já haviam acontecido, em lugares distantes. (VIANA e LIMA, 2012, p. 03)

É evidente, portanto, concluir que o jornalismo internacional não é um conceito moderno e não surgiu juntamente com o capitalismo, como afirma Natali (2004). As origens dessa atividade profissional, exercida hoje pelos correspondentes estrangeiros, contempla o jornalismo tal como ele é, e como foi criado. É importante ressaltar que ao longo dos anos o jornalismo foi palco de inúmeras mudanças e passou por diversos processos. Uma das etapas marcantes na construção da atividade jornalística foi o surgimento das agências de notícias.

1.2 AS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

A partir do surgimento do jornalismo internacional, os meios de comunicação utilizados nas últimas épocas - como o século XVII - foram se adaptando à medida em que novas tecnologias foram aparecendo e sendo desenvolvidas. A evolução tecnológica possibilitou uma maior velocidade no compartilhamento de informações, inclusive, referente às notícias que aconteciam em terras distantes. Um bom exemplo dessa expansão internacional na comunicação por meio do exercício da atividade jornalística foram as agências de notícias. (AGNEZ, 2015, p. 02).

As agências de notícias são empresas midiáticas que vendem assinaturas de seus produtos comunicacionais para outros veículos de comunicação. Dentre estes, encontram-se notícias, imagens e vídeos de diversos locais do mundo onde possuem seus escritórios. Elas, na prática, facilitam o processo de reprodução de informações de grandes conglomerados midiáticos de vários países. (ZIMMER, 2014, p.20)

Ou seja, as agências de notícias são instituições de cunho jornalístico que operam distribuindo informações para diferentes veículos de mídia, como jornais, rádios, televisões e revistas. Normalmente, essas notícias são difundidas após um processo de apuração realizado diretamente nas fontes e, posteriormente, o material colhido nessa checagem de fatos é então entregue para os veículos de comunicação. Quando falamos sobre jornalismo internacional, é importante entender alguns aspectos das agências de notícias e como funcionam. Mas antes, é válido ressaltar a evolução da tecnologia até o momento.

Em 1800, os jornais eram impressos, em uma folha só, por aparelhos de madeira semelhantes aos utilizados para a fabricação de livros. Uma impressora a vapor inventada pelos ingleses em 1814 permitiu, por exemplo, multiplicar por dez a tiragem do *The Times*. Em 1865, veio a impressora cilíndrica (rotativa), e, em 1889, desta vez nos Estados Unidos, o linotipo, que fundia todas as letras de uma linha de texto em uma única metálica. Na segunda metade do século, o trem e os cabos de telégrafo foram instalados em todas as direções. O mundo ficou menor. (NATALI, 2004, p.30)

Um marco importante na história para compreender a aplicabilidade das agências de notícias foi a Guerra Civil norte-americana (1861-1865). Nesse período havia uma enorme procura por notícias e, ao mesmo tempo, um grande número de jornalistas. Nessa fase, o jornalismo internacional já havia ganhado corpo e os jornalistas vinham de todas as partes do mundo para cobrir e acompanhar a guerra. Paralelo a isso, o telégrafo - aparelho que transmite mensagens por meio de códigos entre pessoas há milhares de quilômetros - estava sendo utilizado em larga escala.

Pela primeira vez, o telégrafo foi disponibilizado para o uso em larga escala e os jornais investiram maciçamente na cobertura da guerra, devido ao aumento das tiragens desde o início das ofensivas. Repórteres do mundo inteiro partiram para os Estados Unidos com o objetivo de cobrir o conflito. (BORGES, 2005, p.24)

É importante ressaltar que o telégrafo possibilitou uma comunicação mais ágil, rápida e assertiva; com esse recurso, a mensagem passava a ter mais velocidade. No entanto, por causa do alto custo na transmissão em códigos do conteúdo, o telégrafo exigia uma economia de palavras, por isso as informações mais importantes precisavam ser transmitidas o quanto antes, de imediato. Pensando nisso, veio então a ideia do lide, que consiste em apresentar no primeiro parágrafo as informações mais básicas e necessárias; o que, quem, quando, onde, como e porque. O trabalho dos correspondentes internacionais teria auxiliado nessa comunicação mais

direta. (ANASTÁCIO e COSTA, 2018, p. 7)

O lide também serviu para resolver um problema prático nas agências de notícias dos Estados Unidos: jornais de todo o mundo usavam o mesmo texto distribuído por elas via telégrafo, mas cada um avaliava a notícia de maneira diferente quanto à sua importância e ao espaço que merecia ocupar. Por meio da pirâmide invertida, que ordena a informação em ordem decrescente de relevância, cada editor podia fazer de maneira rápida e prática os cortes e as adaptações necessárias sem perder as informações mais importantes, que estavam no primeiro parágrafo. (ANASTÁCIO e COSTA, 2018, p. 7)

Além da preocupação com a cobertura, existia um outro alerta: obter as informações por um baixo custo. Foi então que surgiu a ideia de selecionar um mesmo jornalista, ou uma rede de profissionais, para produzir conteúdo para vários veículos de comunicação. É dessa forma que as agências de notícias funcionam. É importante lembrar que esse não foi o marco do surgimento das agências de notícias, tendo em vista que esse sistema nasceu um pouco antes, em 1835, na França. Todavia, esse período da história é um dos exemplos de como as agências se consolidavam e aconteciam na prática.

Durante a Guerra Civil Americana nos Estados Unidos, os maiores jornais de Nova York juntaram-se para formar a Associated Press e enviar um pool de correspondentes para o campo de batalha. Hoje, as agências mantêm uma rede de correspondentes e stringers (colaboradores) nas maiores cidades do mundo, repassando, assim, informações para os veículos de imprensa. Nos últimos anos, o trabalho das agências e de seus correspondentes foi enormemente facilitado pelas chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), como a internet. (BRASIL, 2012, p.781)

A Reuters e a Associated Press (AP) são alguns dos exemplos de agências internacionais de notícias, fundadas respectivamente na Inglaterra e nos Estados Unidos. (RODRIGUES e MAIA, 2019, p. 2). Inclusive, foi a agência Reuters que noticiou em primeira mão o assassinato do presidente norte-americano Abraham Lincoln em 1865. (NATALI, 2004, p. 31). Todavia, de acordo com Natali (2004), a ideia de agência de notícias surgiu anos antes, em 1835, na França, por intermédio de Charles Havas.

A narrativa clássica sobre o surgimento das agências de notícias como modelo de negócios particular no setor da comunicação atribui o fato, mimética e viciosamente, à iniciativa individual de Charles-Louis Havas (1783-1858), banqueiro francês de origem húngara e fundador da companhia epônima que teria sido ‘a primeira agência de notícias na História’ (Boyd-Barrett, Salinas, Mattelart, Shrivastava, Jovanović & Lazarević etc.). A data de criação é por vezes citada como 1835, embora Boyd-Barrett (1980; 122) registre que já em 1832 Havas estabeleceu um escritório de tradução que prestava serviços informativos financeiros a seus clientes privados (capitalistas franceses). (AGUIAR, 2009, p. 04)

Segundo Natali (2004), as agências proporcionaram viabilidade econômica ao noticiário internacional. Um texto distribuído a centenas de jornais que assinam os serviços de uma agência sai incomparavelmente mais barato que um texto produzido por um correspondente ou enviado especial, cujos custos são cobertos inteiramente por um jornal ou por uma revista. (NATALI, 2004, p.31).

Em relação às notícias internacionais, é preciso ficar atento às informações que são compartilhadas pelas agências. “[...] As agências internacionais frequentemente costumam ser acusadas de distribuir textos a partir de uma perspectiva particular, muitas vezes determinada pela própria cultura ou por políticas governamentais adotadas nos países de origem das agências. No caso da América Latina, por exemplo, a influência dos Estados Unidos está presente de forma visível em vários setores, em especial o cultural.” (MOREIRA, 1996, p.01).

O próprio conceito de notícia estrangeira é questionado por Hannerz (2004), por ser ambíguo: pode se referir a algo que tenha acabado de acontecer em outra região ou pode ser algo noticiável simplesmente porque nos é desconhecido, porque nós não nos deparamos com isso em nossa localidade. A decisão sobre as hard news (as notícias fortes, factuais, de grande atualidade), as features (notícias mais leves, amenas, sobre hábitos ou curiosidades) ou as chamadas ‘notícias de interesse humano’ vai depender de posturas editoriais. (AGNEZ, 2015. p.02)

No Brasil, alguns autores ressaltam a escassez de bibliografia nacional sobre agências de notícias. Nesse caso, é como se as agências de notícias passassem despercebidas pelos estudos comunicacionais do país. (AGUIAR, 2016, p. 02). Mas mesmo com poucas informações, podemos citar de forma breve como as agências atuavam no país nesse período, em especial, as agências estrangeiras.

O Brasil, porém, no primeiro meio século de conexão ao resto do mundo por meio das telecomunicações, ficou à mercê de empresas estrangeiras, que por aqui pouco empregavam e menos qualificavam. De 1874, quando se estendeu o primeiro cabo telegráfico submarino do Atlântico Sul, ligando o país à Europa, até 1924, ano de criação da Agência Brasileira de Notícias (que, embora não tenha sido a primeira, é a mais antiga existente até hoje), praticamente só a Havas francesa e suas congêneres norte-americanas operavam por aqui. (AGUIAR, 2016, p. 03)

1.3 A CHEGADA DA IMPRENSA NO BRASIL

Para compreender a atividade exercida pelos correspondentes estrangeiros de veículos brasileiros é preciso entender primeiro como a imprensa se consolidou em território nacional. Ao longo dos últimos anos, o Brasil passou por importantes processos de desenvolvimento em relação à circulação da informação, mas todo esse movimento demorou para enfim chegar ao que conhecemos hoje como atividade jornalística. É importante ressaltar que no Brasil o correspondente é um profissional ligado principalmente a televisão e ao jornal impresso. (BRITTO, 2004, p.03). No entanto, a imprensa brasileira nasceu de forma tardia.

Diferente dos outros países da América Latina, o surgimento da imprensa no Brasil colonial demorou para acontecer. (LUSTOSA, 2004, p.07). Para o colonizador português não era vantagem permitir que as tipografias - construção da comunicação impressa inventada por Johannes Gutenberg, por volta de 1450 - fossem estabelecidas em território brasileiro, pois essa novidade poderia trazer uma certa independência para o país. Foi somente no ano de 1808 que o Brasil conseguiu dar os primeiros passos na produção de conteúdo no que diz respeito à imprensa, mas isso não aconteceu do dia para noite.

Segundo Rizzini (1977), fomos de fato os últimos americanos a conhecer a tipografia, que só logrou após a vinda da família real ao país, no século XIX, e após tentativas mal sucedidas tanto por parte dos holandeses no século XVII, quanto do tipógrafo português Isidoro da Fonseca, no século XVIII. A primeira tipografia trazida de Portugal ao Brasil, portanto, em 1808, ficou sob domínio da Imprensa Régia. (FREIRE, 2018, p.24)

O primeiro jornal brasileiro chamava-se *Correio Braziliense (1808)*, mas ao contrário do que se imagina, essa produção não era realizada no Brasil, e sim em Londres, na Inglaterra, redigida e editada pelo brasileiro Hipólito José da Costa. (NATALI, 2004, p. 39). O primeiro número desse jornal foi publicado em 1º de junho de 1808, e manteve-se em circulação até dezembro de 1822. Por conta dos recursos disponíveis na época, o *Correio* levava alguns dias para chegar em território brasileiro, tendo em vista que era transportado via navio.

Longe do Brasil e das regras rígidas da Coroa, ele podia ousar mais do que seus compatriotas que permaneceram em solo brasileiro; por outro lado, a distribuição sofria com as inevitáveis demoras em fazer com que o material cruzasse o Atlântico para atingir seu público, constituído por uma pequena elite. (MONTEIRO, 2012, p. 482)

Cada jornal do *Correio* tinha cerca de 100 páginas, com um conteúdo livre da censura prévia e organizado por meio de seções. Basicamente a divisão desse material era feita em quatro partes: Política, Comércio e Artes, Literatura, Ciências e outros. (SOUZA, 2020, p. 07). Muitas notícias eram pautadas com base nos assuntos que repercutiram no exterior e, desta forma, os brasileiros que tinham acesso ao conteúdo conseguiam ter uma outra visão do que acontecia no mundo, por intermédio de Hipólito. Paralelo a isso, o *Correio* costumava criticar a gestão portuguesa e as práticas políticas.

Por suas críticas a Dom João e à sua corte, o *Correio Braziliense* foi proibido, apreendido e censurado - o governo português editou avisos e mobilizou a polícia para impedir sua circulação, o que fazia com que, no Brasil e em Portugal, sua leitura fosse considerada violação da lei. (GAGLIARDO, 2016, p. 30)

Durante os 14 anos de circulação do *Correio Braziliense*, o jornal fazia oposição ao regime absolutista. Na primeira década dos oitocentos, a Inglaterra consolidou-se como um local onde era possível expressar oposição aos governantes portugueses, e essas críticas eram expostas em jornais e periódicos políticos. (PERIOTTO, 2013, p.11). Podemos dizer que a intenção do *Correio* era alcançar principalmente os leitores que viviam no Brasil e, tudo isso, era feito da Inglaterra, onde havia uma imprensa livre.

Nesse mesmo ano, de 1808, a família real chega ao Brasil e, com isso, começou a ser impressa a *Gazeta do Rio de Janeiro*. É importante ressaltar que para alguns autores a *Gazeta do Rio de Janeiro* teria sido o primeiro jornal do país, e não o *Correio Braziliense*, isso porque, diferente do *Correio*, a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro jornal de fato impresso no Brasil. Pensando nisso, podemos dizer que a imprensa brasileira surgiu com a fundação da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Nesse período a imprensa foi marcada por decretos reais e notícias de interesse da Coroa. (PERIOTTO, 2013, p. 07)

A *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822) inaugurou a impressão no Brasil e a circulação regular de periódicos que aqui passaram a ser impressos e se tornaram, gradativamente, acessíveis a um público mais amplo. Junto com ela vieram outras publicações: livros, opúsculos, livretos, jornais, boletins e outros impressos clandestinos, como o *Correio Braziliense* (1808-1822). Criam-se condições para que a troca de informações saísse da esfera privada para o âmbito público. (BARBOSA, 2008, p. 93)

O *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal impresso no Brasil, foi lançado em 10 de

setembro de 1808 e, além dos assuntos da família real portuguesa, também tratava de assuntos do noticiário internacional. (LUSTOSA, 2004, p.20). Esse periódico normalmente contava com quatro páginas e costumava sair às quartas e sábados. Por tratar de assuntos majoritariamente burocráticos, como as notícias do exército de Napoleão da Europa, pode-se dizer que esse periódico não era tão voltado para o público brasileiro. (SOUZA, 2020, p. 06).

A partir da criação da Imprensa Régia tornou-se possível a publicação de papéis em solo brasileiro, mas a liberdade na escolha do que imprimir demorou ainda alguns anos para ser alcançada. Se passaram a ser impressos decretos, avisos, editais e ordens régias, bem como, ainda que paulatinamente, jornais, revistas, livros e panfletos, tais publicações inicialmente não eram feitas ao bel-prazer de escritores e redatores, havia todo um aparato censório estruturado para regular e controlar previamente o que poderia ou não ser impresso. (GAGLIARDO, 2016, p. 31)

É importante lembrar que a luta pela liberdade de expressão e pelo fim da censura começou muito antes. A censura não é algo recente e não consagrou-se pauta apenas no Brasil. Foi na Suécia que surgiu em 1766 a primeira lei, que se tem conhecimento, sobre a liberdade de expressão. (NATALI, 2004, p.25). Todavia, o surgimento dessa lei no passado não impediu com que organizações se aproveitassem de seu poder para combater qualquer tipo de informação que lhes causasse incômodo e risco. A verdade foi perseguida em muitos momentos da história, e em todos eles, o jornalismo precisou resistir.

Os anos que se seguiram à chegada de Dom João, no entanto, foram marcados pelo controle do que se podia ou não publicar e ler. Apenas após a Revolução do Porto, em 1820, é que aparecem os primeiros ensaios de liberar definitivamente a palavra impressa. Em 21 de setembro de 1820, o governo interino de Lisboa emitiu uma portaria decidindo ‘facilitar a impressão e a leitura dos bons livros e papéis nacionais e estrangeiros, para que se não retarde a notícia dos acontecimentos nem a comunicação de ideias úteis para se dirigir a opinião pública, segundo os princípios de uma bem entendida liberdade civil’. (GAGLIARDO, 2016, p. 34)

Quando falamos sobre a imprensa no Brasil, e sobre o próprio jornalismo em si, é importante destacar as publicações precursoras do desenvolvimento comunicacional no país. Após o período de circulação do *Correio Braziliense* e do *Gazeta do Rio de Janeiro*, surgiu em 1825 o *Diário de Pernambuco*, o mais antigo em circulação na América Latina. O veículo de comunicação foi fundado em 7 de novembro, pelo tipógrafo Antonino José de Miranda Falcão. (MAIA, 2016, p. 04). Alguns anos depois, em 1827, foi fundado o *Jornal do Commercio* no Rio de Janeiro. (FREIRE, 2018, p.24).

Com o passar do tempo e com o início da república no país, em 1889, o avanço da economia urbana e industrial possibilitou o surgimento da grande imprensa no Brasil. (FREIRE, 2018, p. 26). Além disso, a autora ressalta que aos poucos acontecia a divisão das funções na redação e novos gêneros foram sendo incorporados, como as entrevistas e crônicas. Um dos autores destacados por Freire menciona o seguinte processo:

Sem abandonar a luta política, os diários incorporaram outros gêneros, como notas, reportagens, entrevistas, crônicas, e, ao lado da produção ficcional, que só lentamente perdeu espaço nos grandes matutinos, compareciam os inquéritos literários. Surgiram seções especializadas, dedicadas ao público feminino, esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária, assuntos policiais e internacionais. Aos poucos delineava-se a distinção entre matéria de caráter informacional ou propriamente jornalística, supostamente neutra e objetiva, e o texto de opinião, que tomava posição e defendia idéias e valores. (LUCA, 2008, p.152)

1.4 O JORNALISMO INTERNACIONAL PRATICADO NO BRASIL

Após esse breve histórico do surgimento da imprensa no Brasil, avançamos agora um próximo passo, em relação a compreensão do jornalismo internacional praticado em território brasileiro. Existem algumas dificuldades nesse tipo de apuração, sendo uma delas, a própria distância em relação ao objeto da notícia. (AGUIAR, 2008, p. 04). Como cita o autor, essa é uma área em que a construção da informação, como um todo, depende do acesso ao conteúdo estrangeiro, a exemplo do que é fornecido pelos veículos internacionais de notícias. Além disso, assim como o surgimento da imprensa, o jornalismo internacional demorou a vingar no Brasil.

Nas redações do Brasil, a Internacional foi uma editoria de constituição tardia: só a partir do final dos anos 1950, com a modernização das técnicas e dos processos jornalísticos, é que se destacam equipes especializadas nesta cobertura (embora o noticiário exterior estivesse presente desde o início). Outro aspecto é a localização da produção do noticiário internacional, também determinada por fatores econômicos da mídia. Ainda que também ocorra em outras especializações, a concentração no eixo Rio-São Paulo é notavelmente maior na Inter, uma vez que jornais de pequeno e médio porte não têm como sustentar uma estrutura de correspondentes expatriados e acabam por reproduzir conteúdos de agências (nacionais e transnacionais) e de outros jornais maiores. (AGUIAR, 2008, p. 05)

Dentre os motivos pelos quais podemos mencionar que o jornalismo internacional demorou de se estruturar no país, estão alguns fatores como as longas viagens de navios em que chegavam as notícias. É preciso lembrar que nas primeiras décadas de 1800 o transporte era muito lento e, por isso, as “últimas informações” chegavam no país sempre com semanas de

atraso. Paralelo a isso, a historiografia do jornalismo brasileiro ainda é muito deficiente, sendo assim, esse período ainda faz parte de um vazio bibliográfico.

Por causa destas e outras dificuldades, algumas datas acabaram ganhando notoriedade no que diz respeito ao desenvolvimento da atividade jornalística, em especial, do jornalismo internacional praticado em território brasileiro. Em relação às primeiras etapas da implantação do noticiário estrangeiro no país, o autor Natali (2004) destaca que:

Há no jornalismo internacional praticado no Brasil uma data absolutamente fundamental. É o ano de 1874. No dia 22 de junho, D. Pedro II se instala com um grupo de técnicos e troca mensagens por telégrafo com Marconi, com o papa PIO IX e com o rei Vittorio Emmanuele, e ainda com a rainha Vitória, da Inglaterra, e com o presidente da França, general Mac Mahon. Um cabo estendido no leito do Atlântico conectava por telégrafo o Brasil à Europa. Não era mais preciso esperar por demorados 28 dias para que um barco a vapor chegasse ao Rio de Janeiro com notícias da Europa, provenientes de portos britânicos. (NATALI, 2004, p.40)

Ainda de acordo com Natali (2004), foi em primeiro de agosto de 1877 que o *Jornal do Comércio* - segundo periódico diário mais antigo do país - publicou as duas primeiras notícias internacionais do Brasil, ao mesmo tempo que os jornais europeus. No entanto, nesse primeiro momento as publicações relacionadas a assuntos estrangeiros não eram destinadas aos brasileiros, mas sim, aos estrangeiros que viviam no país naquela época.

Ao longo do século XIX, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, o interesse por notícias internacionais foi aumentando à medida em que chegavam novos imigrantes no país. Esses estrangeiros vinham de todas as partes do mundo. (SILVA, 2011, p. 27). Por causa desse movimento, as notícias internacionais foram ganhando mais espaço no Brasil e, em virtude disso, foi surgindo um “mercado” jornalístico na intenção de manter esses estrangeiros informados com o que acontecia nos países europeus, por exemplo.

A exemplo do que ocorria nos Estados Unidos, onde a chegada maciça de imigrantes criava um ‘mercado’ jornalístico para informações originárias dos países europeus, o Brasil, no final do século XIX, colocava em prática uma política de importação de mão de obra - uma forma de ‘branquear’ etnicamente a nação, de acordo com um projeto explícito em pensadores como Alberto Torres - e suprir as necessidades econômicas criadas pelo *boom* do café. Previsível, portanto, que jornais em idiomas estrangeiros passassem a ser publicados para serem lidos por essas comunidades de imigrantes. (NATALI, 2004, p.41)

Pensando nisso, é possível chegar a conclusão de que essas publicações não eram interessantes e, muito menos acessíveis, para o público brasileiro. Para um melhor entendimento, basta levar em consideração dois fatores: primeiro, esses jornais eram publicados em outros idiomas, como o alemão, italiano e espanhol; segundo, essas publicações tinham como objetivo principal repassar, exclusivamente, informações relacionadas aos países de origem dos imigrantes, isso envolve a cultura do território estrangeiro. No Brasil, o primeiro jornal destinado aos imigrantes se chamava o *Germania*, e foi publicado em 1878.

O século XX chega acompanhado de mudanças para a imprensa brasileira. Depois da forte imigração estrangeira para trabalhar nas plantações de café, há uma ebulição de publicações direcionadas aos imigrantes. Dentre todas as vertentes, a imprensa militante aparece como uma das mais atuantes, influenciada por ideais socialistas e anarquistas. Somente entre 1890 e 1920, surgem mais de 343 jornais voltados aos trabalhadores, divulgando, igualmente, episódios ocorridos pelo mundo que reforçassem seus ideais políticos. (CASTRO, 2006, p.19)

Nos anos seguintes, o jornalismo internacional praticado no Brasil foi ganhando corpo, inclusive, durante o período da Segunda Guerra Mundial (1941-1945), os jornalistas brasileiros acompanharam de perto as operações da FEB (Força Expedicionária Brasileira). Esse foi o primeiro conflito que a imprensa brasileira esteve presente; no período da Primeira Guerra Mundial, conhecida como “Grande Guerra” (1914-1918), nenhum veículo de comunicação do Brasil enviou jornalistas.

O Brasil, portanto, não acompanhou o auge da correspondência internacional na década de 30, uma vez que a indústria cultural (principalmente jornalística) ainda era incipiente. Em se tratando de rádio, só em 1936 foi criada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com pretensão de ser a maior emissora daqui. Em sua inauguração, contava com renomados profissionais do campo das artes cênicas, musicais e também do jornalismo, uma vez que a programação estava alicerçada nesse tripé, somado a alguns programas de variedades. (RUSKY, 2013, p. 18)

Por fim, é imprescindível destacar que os primeiros passos do jornalismo internacional - em especial, a atividade exercida no Brasil - está diretamente interligado com o desenvolvimento tecnológico, ou seja, com o desempenho do jornalismo internacional tanto no rádio quanto na televisão. A escalada da tecnologia contribuiu e continua contribuindo fortemente na atividade exercida pelos jornalistas, principalmente em relação aqueles que trabalham com as notícias estrangeiras.

1.4.1 A importância do rádio

Após o telégrafo, uma das tecnologias que mais auxiliou no trabalho dos jornalistas foi o rádio, que, no Brasil, surgiu em 1922 no Rio de Janeiro. No entanto, foi somente alguns anos depois, em agosto de 1941, que o radiojornalismo surgiu como prática profissionalizada e os textos elaborados eram lidos no microfone. Este ano foi marcante na história do radiojornalismo brasileiro, tendo em vista que a Rádio Nacional transmitia o primeiro Repórter Esso. (NATALI, 2004, p.45).

O texto do Repórter Esso obedecia a um rigoroso manual de redação, um dos primeiros da história da imprensa brasileira. Cada locutor contratado pela rádio para ser exclusivo do Repórter Esso, recebia previamente o texto distribuído para as emissoras pela UPI. Além do manual, a bancada de redatores da agência responsável pelo texto final seguia três regras básicas que teriam de ser rigorosamente cumpridas, de acordo com o rigoroso manual do programa: o Repórter Esso é um programa informativo; não comenta as notícias; e sempre fornece as fontes da sua notícia. O esquema de produção do noticioso permitia que apenas dois redatores trabalhassem nele, havendo apenas um suplente. (SILVA, 2006, p.37)

O Repórter Esso era dividido em quatro edições diárias de cinco minutos, e reservava cerca de quatro minutos para notícias locais, nacionais e internacionais; o conteúdo estrangeiro era fornecido pela UPI (United Press International). Essa foi a primeira vez que, de fato, as notícias vindas do exterior faziam parte, de maneira sistêmica, no rádio brasileiro. (NATALI, 2004, p.45). O Repórter Esso foi transmitido no rádio até o dia 31 de dezembro de 1968, sendo Roberto Figueiredo seu último locutor.

Um dos diferenciais do Repórter Esso foi a contribuição na cobertura da Segunda Guerra Mundial, sendo esse acompanhamento muito importante do ponto de vista do jornalismo internacional. No mesmo período em que o Brasil juntava forças com os aliados da Segunda Guerra Mundial - na intenção de combater o exército alemão - era transmitida a primeira edição do Repórter Esso e, com isso, o nazifascismo pode ser percebido no Brasil como algo ruim. Isso porque, a UPI - que fornecia as notícias internacionais usadas na Rádio Nacional - tinha o mesmo ponto de vista dos aliados. Com o passar dos anos, o jornalismo internacional foi ganhando mais espaço nas rádios, ou seja, foi se tornando algo mais recorrente.

Capítulo singular na história dos meios de comunicação de massa no Brasil, a Rádio Nacional foi por cerca de 15 anos a mais importante emissora de rádio da América Latina. De 1945 a 1960 recebeu quase 8 milhões de cartas de ouvintes, ou cerca de 1.400 diariamente. Embora a esmagadora maioria delas fosse de ouvintes brasileiros, havia um bom número de cartas vindas dos Estados Unidos, Suécia, Inglaterra e Canadá, entre outros países. (JAMBEIRO, 2001, p.48)

1.4.2 Televisão aberta

O primeiro programa de televisão transmitido no Brasil foi ao ar no dia 18 de setembro de 1950, pela TV Tupi de São Paulo, por intermédio de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. No entanto, nessa época ainda não havia tanta comercialização desse tipo de aparelho, por isso, nos primeiros anos a televisão era um veículo de comunicação usado por poucos. (NASCIMENTO, 2018, p.18). Além disso, é importante ressaltar que nessa mesma década o valor dos televisores não era tão acessível, limitando portanto o poder de compra para boa parte da população.

Mesmo transmitindo imagens para poucos aparelhos receptores, um dia depois da primeira transmissão de televisão, estreou o primeiro programa jornalístico do país, conhecido como “Imagens do Dia”. O programa foi exibido pela emissora TV Tupi no dia 19 de setembro de 1950, e tinha um formato simples com texto em estilo radiofônico. (PATERNOSTRO, 1999, p. 35). O telejornal Repórter Esso, por sua vez, foi lançado pela TV Tupi em 17 de junho de 1953. Nesse primeiro momento o rádio foi uma importante influência para a televisão, inclusive, nos anos seguintes, outras emissoras também foram surgindo, como a Paulista (1952) e a Record (1953).

O primeiro telejornal da TV brasileira foi *Imagens do Dia*, e nasceu junto com a TV Tupi de São Paulo, em 1950. Mas o primeiro telejornal de sucesso, sinônimo de telejornalismo no Brasil, foi *O Repórter Esso*, que estreou em 1953 também na Tupi e ficou no ar por quase 20 anos. *O Jornal Nacional*, da Rede Globo, é o que está no ar há mais tempo, desde 1969, e é, até hoje, líder de audiência no horário. (PATERNOSTRO, 1999, p. 35)

Em 1959, o Brasil contava com seis emissoras de televisão e, aos poucos, a televisão ia se consagrando como meio de comunicação de massa e criando sua própria linguagem, ou seja, ia se desvinculando aos poucos do texto em estilo radiofônico, por exemplo. Todavia, nesse período o jornalismo internacional ainda não conseguia ter forças para fornecer as imagens necessárias dos acontecimentos, tendo em vista que a tecnologia disponível nesse momento

ainda carecia de agilidade e precisão.

Pensando nisso, cada vez mais a indústria passava a se preocupar com o aperfeiçoamento desse processo, incluindo a qualidade das imagens que eram transmitidas. Uma das grandes reviravoltas na história da televisão veio em 1962, com o lançamento do primeiro satélite de comunicação, chamado de Telstar I. Esse foi o primeiro passo na implantação de transmissões via satélite e, com isso, uma comunicação mais instantânea. Pouco tempo depois, em 1965, foi lançado o satélite Intelsat, o primeiro comercial para o uso de telecomunicações. (PATERNOSTRO, 1999, p. 25).

Somente nos anos 1960 a televisão começaria a se tornar, no Brasil, um veículo de comunicação massivo, inicialmente com o estabelecimento de um sistema de programação de grade, possibilitado principalmente pela chegada do videotape (VT), que aos poucos substituiu aos programas ao vivo. Mas o grande salto do veículo se deu a partir do governo instituído pelo golpe militar de 1964, que implementou uma série de reformas econômicas que acabaram por tirar a economia brasileira da crescente inflacionária que vivia desde o fim da década anterior, além de colocar em prática um regime de estímulo ao crescimento que privilegiou a industrialização em grandes centros, sempre propulsionada pela “ajuda” do Estado como fomentador do desenvolvimento econômico. (NASCIMENTO, 2018, p.18)

Os anos 60 marcam também a separação do rádio e da televisão, que por sua vez, se consagra como um veículo de massa. (JAMBEIRO, 2001, p. 52). Nesse mesmo período, foi constituída a Embratel - Empresa Brasileira de Comunicações - que interligou o país por meio das linhas básicas de micro-ondas, além de aderir ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações, chamados de *Intelsat*. (ALVES, 2019, p. 93).

Como vimos, portanto, embora a era da TV no Brasil comece oficialmente em 1950, somente nos anos 60 o novo meio de comunicação vai se consolidar e adquirir os contornos de indústria. Nos anos 50 a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial. Nos anos 60 a televisão começou a procurar seu próprio caminho, a adquirir processos de produção mais adequados às suas características enquanto meio e transformou-se assim no poderoso veículo de transmissão de idéias e de venda de produtos e serviços que é hoje. (JAMBEIRO, 2001, p.51)

No dia 26 de abril de 1965 foi inaugurada a TV Globo, no canal 4, diretamente do Rio de Janeiro. A emissora, criada pelo jornalista Roberto Marinho, lançou pouco tempo depois o *Jornal Nacional* - primeiro telejornal brasileiro transmitido para todo o país - no dia primeiro

de setembro de 1969. De lá pra cá, as coberturas internacionais estão dentre os assuntos selecionados por esta emissora, embora, nas redações do Brasil, o Internacional tenha sido uma editoria tardia. (AGUIAR, 2008, p.5). Além da TV Globo, outros veículos também realizavam transmissões na tv aberta, como a TV Excelsior.¹

Figura 1 -² Inauguração da TV Globo



Fonte: Acervo pessoal Wilson Rocha

1.4.3 Televisão por assinatura

A história da televisão por assinatura começa nos Estados Unidos, em 1950. Na intenção de aumentar a procura pelos aparelhos televisores, os vendedores de eletrodomésticos tiveram a ideia de instalar uma antena principal de captação em áreas estratégicas das cidades mais remotas. Partindo desse ponto, os vendedores começaram a puxar cabos de suas antenas até as casas dos compradores, e passaram a cobrar por esse serviço. Dessa forma, a imagem ficava perfeita e conseqüentemente as televisões começaram a vender mais. Essa logística

¹ A TV Excelsior foi uma emissora paulistana inaugurada em 9 de julho de 1960, mas se manteve ativa apenas por 10 anos, sendo extinta no dia primeiro de outubro de 1970.

² Disponível em:

<<https://historia.globo.com/historia-grupo-globo/1965-1984/noticia/1965-inauguracao-da-tv-globo.ghtml>>

Acesso em: 07 set.2022

funcionava como um sistema comunitário de distribuição de sinais, que ficou conhecido como CATV - Community Antenna Television System; era o embrião da TV a cabo. (PATERNOSTRO, 1999, p.38).

Além disso, a TV por assinatura consegue contemplar os interesses e gostos específicos de cada pessoa, bem como, proporcionar imagens de melhor qualidade por causa dos sistemas de distribuição dos sinais, sendo eles: cabos especiais, microondas e satélite. Ao contrário da TV aberta, na Pay-TV o telespectador é um consumidor que paga por essa entrega, por isso, as redes de canais foram se aprimorando cada vez mais com o objetivo de fornecer resultados assertivos para os assinantes que têm interesse por esse serviço e o consomem. (PATERNOSTRO, 1999, p.40).

Com a aceitação cada vez maior das redes de canais por assinatura, novas transmissões foram sendo desenvolvidas, como é o caso da CNN, primeira rede a cabo de notícias 24 horas do mundo. Como forma de aposta no telejornalismo, em junho de 1980, era lançada nos Estados Unidos a Cable News Network - CNN, emissora de TV especializada em jornalismo e que funcionava 365 dias no ano. Quase dez anos depois, a programação por assinatura chegava ao Brasil, afinal, esse serviço ficou reconhecido como um bom negócio. (PATERNOSTRO, 1999, p.40). Para alguns autores, como Natali (2004), a implantação dessa operação no Brasil foi um marco importante em relação ao jornalismo internacional.

Uma última data relevante no Brasil foi a de 1992. Entra em operações a TVA, primeira rede de programação paga no Brasil. Abrem-se também as portas para a importação de programas jornalísticos (como o norte-americano “60 Minutes”). A Deutsche Welle, a CNN, a BBC e a Fox News entram no mercado do noticiário internacional para consumo do telespectador brasileiro, enquanto a Rede Globo e a Bandeirantes lançam canais pagos all news de produção local. (NATALI, 2004, p. 47)

Aqui no Brasil, inicialmente, foram os dois maiores grupos de comunicação da época que se interessaram em implantar a TV por assinatura, sendo eles: Grupo Abril e as Organizações Globo. (PATERNOSTRO, 1999, p.41). Enquanto isso, alguns países da América Latina já tinham começado a implementar esse tipo de programação, como a Argentina, Chile, Colômbia e Bolívia. Em 1988, a TV por assinatura começou a se desenvolver no Brasil, com a Key TV. No entanto, foi somente alguns anos depois, com o Canal +, que de fato, houve a

estreia da TV por assinatura no país. Um ano depois, o Grupo Abril comprou a emissora, que passou a se chamar TVA - TV Abril. (PATERNOSTRO, 1999, p. 42)

Atualmente, é possível citar alguns outros canais de televisão por assinatura no Brasil, como a GloboNews. Fundada em 15 de outubro de 1996, se consagrou como o primeiro canal brasileiro de jornalismo 24 horas, seguindo um modelo de telejornalismo semelhante ao da emissora norte-americana CNN. Com o passar dos anos, as transmissões ao vivo de acontecimentos nacionais e internacionais passaram a ser um dos maiores diferenciais da GloboNews, inclusive, hoje em dia boa parte das notícias estrangeiras são transmitidas por jornalistas do grupo que estão mais próximos dos acontecimentos.

Dentre os assuntos explorados, tanto na CNN quanto na GloboNews é notável perceber que existe uma ênfase na cobertura de política internacional, em especial, em períodos de guerra. Ainda assim, é evidente que a GloboNews tenha uma identidade própria, tendo em vista, por exemplo, a maneira como o canal traz conteúdos abordando a realidade brasileira e, como entrega as notícias internacionais de uma maneira que respeite a forma que o Brasil as vê. (BOECKEL, 2004, p.39).

2. CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS

O correspondente internacional é um repórter fixado em outro país com o intuito de acompanhar ativamente o noticiário global e, dessa forma, produzir um conteúdo exclusivo para a sede do veículo em que trabalha. Muitas vezes esses profissionais mantêm residência na própria capital do país estrangeiro, como em Londres, capital da Inglaterra, ou em Lisboa, capital de Portugal. Algumas emissoras de televisão, um dos meios de comunicação de maior porte, tentam priorizar a participação dos correspondentes internacionais como forma de garantir uma cobertura inédita e autônoma, sem depender exclusivamente das agências internacionais de notícias.

2.1 OS PRIMÓRDIOS DA PROFISSÃO

Não é uma tarefa fácil definir quais foram os primeiros correspondentes estrangeiros, pois como vimos no primeiro capítulo, o próprio jornalismo já teria nascido internacional. Pensando nisso, podemos chegar à conclusão de que os precursores dessa atividade foram pessoas comuns que, mandavam de terras estrangeiras, seus próprios relatos referentes a assuntos diversos. Todavia, com o passar do tempo, o jornalismo foi se tornando mais profissional e, com isso, foram aparecendo os primeiros correspondentes tal como conhecemos hoje.

O primeiro foi possivelmente James Perry, do *Morning Chronicle*, de Londres, que - segundo a *Cambridge History of English and American Literatures* - era o mais famoso jornal inglês de sua época. Entre seus colaboradores fixos estavam Thomas Moore e David Ricardo. Perry, que trabalhava para um competidor, comprou o jornal com o auxílio do duque de Norfolk em 1789 e permaneceu dois anos em Paris (1791 e 1792) para mandar despachos sobre os acontecimentos ligados à Revolução Francesa. Mas Perry era o dono do jornal, não um contratado por ele. (SILVA, 2011, p. 26)

Partindo do raciocínio de que na Europa estavam os principais polos econômicos e centros de poder, é notável perceber que os primeiros profissionais do noticiário internacional estavam nesse continente, portanto, o desempenho dessa atividade ocorreu na Europa antes que nas Américas (SILVA, 2011, p.26). Este resultado não foi por acaso, basta lembrar que os países pertencentes a esta região foram responsáveis por alguns dos momentos mais

marcantes da história do jornalismo, como a criação da imprensa a vapor pelos ingleses em 1865 e, a primeira agência de notícias, criada na França, em 1835.

Outros autores, como Agnez (2014), destacam que o surgimento da atividade desenvolvida pelos correspondentes estrangeiros está essencialmente vinculada com a correspondência de guerra; afinal, a história das guerras é tão antiga quanto a história da humanidade, como afirma Borges (2005, p.17). Por sorte, os jornalistas brasileiros não chegaram a participar de muitos conflitos armados, mesmo assim, alguns repórteres do Brasil, como Rubem Braga e Joel Silveira, marcaram presença na cobertura da Segunda Guerra Mundial.

O primeiro correspondente nos moldes atuais do jornalismo de guerra surgiu, em 1854, na guerra da Criméia. Foi o irlandês Willian Howard Russel, repórter do The Times, de Londres. Ele ficou famoso por sua forma de narrativa sobre o avanço dos britânicos sobre seus inimigos. Este tipo de relato se originou, ainda no século XIII, principalmente com a descrição da famosa viagem de Marco Pólo à Ásia. (SARTORATO, 2005, p. 13)

Os relatos e a circulação de informações sobre os conflitos existentes sempre estiveram presentes nas civilizações, mesmo que em modelos organizacionais distintos de comunicação. Com o passar dos anos, observou-se a necessidade de uma maior atenção na veracidade dos fatos e, paralelo a isso, na agilidade ao compartilhar as informações mais importantes da guerra. Antes da atuação profissional dos jornalistas nos campos de guerra, as notícias divulgadas eram, muitas vezes, baseadas nos depoimentos fornecidos pelos próprios militares quando retornavam dos conflitos e dos combatentes que ainda estavam em guerra.

No século XIX, a figura do correspondente internacional surge como um posto de trabalho na carreira jornalística responsável por manter essa rede de circulação de informações. As origens dessa atividade estão na correspondência de guerra (PALMER, 2005; WILLIAMS, 2011), quando jornalistas passaram a ser enviados para cobrir conflitos em regiões distantes. (AGNEZ, 2014, p.14)

2.2 DEFINIÇÃO DOS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS

Os correspondentes internacionais são jornalistas que residem fora do seu país de origem e acompanham, de forma criteriosa, as notícias do território estrangeiro em que estão inseridos, compartilhando assim, as informações mais relevantes e atuais. Esses profissionais

adquirem um amplo repertório cultural, histórico e socioeconômico da região, para desta forma, produzir um conteúdo regular, independente e atualizado (AGNEZ, 2014, 110).

Alguns dos principais meios de comunicação que investem nestes profissionais - como a televisão - buscam este diferencial para ter uma garantia maior de sucesso na hora de produzir um conteúdo exclusivo e completo. Essa é uma maneira que os meios de comunicação encontraram para ter mais autonomia e não depender somente das agências internacionais de notícias. No entanto, é válido ressaltar que nem todos os veículos de comunicação contam com a colaboração dos correspondentes internacionais em suas editorias; alguns fatores influenciam diretamente nesta escolha, como por exemplo, o valor necessário de investimento nesse profissional.

[...] Os meios de comunicação de maior porte, especialmente impressos e televisão, quando desejam uma cobertura internacional de alta qualidade, independente e autêntica, também investem nesta atividade jornalística com profissionais próprios, não dependendo exclusivamente dos conteúdos fornecidos pelas agências. Para Hannerz (2004), o correspondente é um repórter que fica “estacionado” em determinado lugar, enviando notícias para seu veículo de origem. Em complemento, essa atividade profissional também pode ser compreendida como a de um mediador e um tradutor de culturas (Rocha, 2013). (AGNEZ, 2015, p. 42)

Em relação ao exercício desta atividade, é preciso ficar atento e não confundir os ‘correspondentes internacionais’ com os ‘enviados especiais’, pois são profissionais distintos, embora a atuação desempenhada seja, de certa forma, semelhante. Uma das principais diferenças do enviado especial é que este não reside na região onde o conteúdo é produzido, ao contrário do correspondente estrangeiro, que tem a possibilidade de permanecer em uma determinada região por um período mais prolongado e, dessa forma, tem um maior domínio do conteúdo e acesso a fontes que já foram pré-estabelecidas.

Como o próprio nome sugere, o enviado especial é direcionado para um determinado local apenas para cobrir um acontecimento pontual, e não para manter residência fixa, como o correspondente internacional (BRITTO, 2004, p. 04). Ainda assim, os enviados especiais são de vital importância, inclusive, podem até se deslocar mais que os correspondentes estrangeiros e, por isso, precisam ter um cuidado redobrado com o idioma, tendo em vista que podem ser direcionados para uma região com idioma não tão comum para nós brasileiros

(BRITTO, 2004, p. 08). No trecho a seguir, também citado por Britto, é possível entender um pouco mais desta diferença.

O enviado especial difere do correspondente por ser um repórter escolhido para conseguir informações ou reportagens em um lugar em que a televisão não tem ninguém na área ou, quando há, são inexperientes, sendo que nesse lugar há assuntos regulares de grande valor periodístico. (CUNHA, 1990, p. 68 apud BRITTO, 2004, p. 4)

É importante ressaltar que as editorias internacionais podem e devem abordar diversos assuntos em destaque, por isso, o correspondente estrangeiro precisa selecionar as melhores informações e ter a sensibilidade na hora de definir de que forma este conteúdo será transmitido para o país de origem. Este profissional, que costuma ser um jornalista fixado em uma capital estrangeira, precisa estar imerso ao cotidiano local, mas ao mesmo tempo, deve evitar perder o olhar de estrangeiro na hora de produzir as matérias e compartilhá-las para a sua nação.

Na maior parte das vezes, o correspondente é autopautado – ou seja, ele mesmo define o que selecionar, escrever e apurar. O correspondente deve ter conhecimento profundo da realidade local e um talento discricionário elevadíssimo para identificar os fatos mais relevantes no país onde trabalha, que sejam, ao mesmo tempo, interessantes para seu país de origem. (BRASIL, 2012, p. 04)

Além do repertório cultural, histórico e socioeconômico da região em que estão fixados, os correspondentes internacionais precisam ter domínio de ao menos um idioma estrangeiro. Essa competência é de vital importância em diversos processos da produção e, pode ser necessário, inclusive, na hora de traduzir o que foi mencionado em uma língua estrangeira para o português, tendo em vista que estamos falando dos correspondentes internacionais de veículos brasileiros. É evidente, portanto, que embora não exista uma receita para se tornar um correspondente internacional, algumas exigências são essenciais para o exercício desta atividade profissional.

O correspondente internacional é um profissional altamente capacitado e preparado para assumir um posto de destaque. Ele deve, em primeiro lugar, possuir o conhecimento da língua do país em que se instala, que faz parte do conceito de conhecimento linguístico de Koch (2003). De acordo com esse conhecimento, o repórter pode captar informações, processá-las e construir uma cadeia gramatical com um sentido que abranja todo o texto de modo coerente. A fluência é indispensável para um profissional que mora no estrangeiro. No Brasil, esse requisito já é importante [...]. (BRITTO, 2004, p. 07)

O correspondente internacional é testemunha do mundo, como afirma Ali Kamel, Diretor-Geral de Jornalismo, no livro *Correspondentes: Bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo* (2018). Muitos jornalistas têm interesse em assuntos locais e, pensando nisso, a prioridade desses profissionais é cobrir as notícias da própria região, isso inclui o que acontece na cidade e em seus respectivos bairros. Já o jornalista internacional tem a oportunidade de dar em primeira mão o que acontece no mundo e, com isso, repercutir assuntos que poderão entrar nos futuros livros de história (Ali Kamel, 2018, sem paginação). No entanto, ao contrário do que muitos imaginam, na prática esta atividade jornalística nem sempre é fiel à uma visão romântica da profissão.

Há na verdade uma visão bastante romântica em relação aos correspondentes internacionais, que é alimentada pelos próprios profissionais (WILLIAMS, 2011). Os correspondentes de guerra, os heróis, aqueles que se arriscam pela informação, embaixadores dos veículos para os quais trabalham, muitas vezes associados à figura do diplomata, o glamour aparente de se viver no exterior, a autonomia, o status mais elevado dentro da carreira de repórter. São muitos os elementos que estimulam o fascínio pela função. Entretanto, como ressalta Williams (2011, p. 94), ‘a realidade é menos glamourosa e mais mundana. (AGNEZ, 2014, p.112)

Ainda assim, é notável que a posição de jornalista internacional permanece desejada por diversos profissionais, afinal, esta atividade também tem seus lados positivos. É possível destacar, por exemplo, o fato do jornalista ter a oportunidade de testemunhar de perto eventos marcantes, conhecer novas culturas, idiomas e ter a chance de compartilhar histórias de diferentes regiões, tendo em vista que o jornalista internacional não costuma cobrir apenas assuntos do país onde está estabelecido. Este profissional pode noticiar assuntos que vão além da fronteira onde reside e, dessa forma, o jornalista tem a chance de reportar o que acontece em outras partes do mundo.

A depender dos acontecimentos, será preciso compartilhar informações de países próximos. Um bom exemplo disso é o que aconteceu com o correspondente da TV Globo/GloboNews em Londres, Rodrigo Carvalho, que durante a invasão da Rússia à Ucrânia foi direcionado para acompanhar de perto a situação dos refugiados na Polônia³, país que faz

³ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/26/equipe-do-jornal-nacional-acompanha-a-fuga-dos-ucranianos-pela-fronteira-com-a-polonia.ghtml>> Acesso em: 05 set.2022

fronteira com a Ucrânia e teve grande destaque logo nos primeiros dias da invasão no Leste Europeu.⁴ Mais detalhes desta cobertura são explorados no capítulo três. Inclusive, é importante destacar que não é de hoje que os conflitos são uns dos assuntos mais repercutidos dentro da esfera do jornalismo internacional e, com a internet, as atualizações são ainda mais constantes.

Com o advento da Internet, o jornalismo internacional tem ampliado sua cobertura de fatos diversos, principalmente guerras e conflitos. De acordo com Pierre Lévy (1998), a Internet é uma rede que possui uma característica que a define como um mundo de significação, na qual todos estão interligados. A Internet possibilita que uma mesma notícia seja atualizada várias vezes em um mesmo dia. Para Bahia e Rigueira (2010), devido ao fato de a memória na Internet ser ilimitada, as atualizações podem acontecer inúmeras vezes e ficar arquivadas na memória do site, sem ocupar espaço algum. Os assuntos que geralmente estão na editoria internacional, como guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas demandam um processo de atualização mais rápido, já que são temas cujas novidades podem surgir a qualquer momento. (VIANA e LIMA, 2012, p. 10)

2.3 MODELOS DE COBERTURAS INTERNACIONAIS

Embora o foco desta análise seja os correspondentes estrangeiros, quando falamos sobre a cobertura do noticiário internacional existem outras atividades que também auxiliam nesta comunicação. De acordo com Agnez (2014), ao longo dos últimos anos a cobertura estrangeira sofreu algumas mudanças e, por conta dessas transformações, outras atividades também ganham destaque, como os tringers e freelancers, agências internacionais, jornalistas independentes, contratação de “nativos”, compra de produções jornalísticas locais, “assinatura” de veículos internacionais e o jornalismo cidadão.

Com base nas palavras de Agnez (2014), será possível entender algumas das definições que foram citadas. Os stringers e freelancers são colaboradores não contratados mas remunerados por coberturas desenvolvidas, e os jornalistas independentes, como o próprio nome já diz, produzem e comercializam todo o conteúdo de forma autônoma. Já a

⁴ A Ucrânia foi invadida pela Rússia no dia 24 de fevereiro de 2022, momento em que as forças militares russas cruzaram a fronteira e deram início aos ataques em larga escala. Neste mesmo dia, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, por meio de um pronunciamento televisionado, anunciou que o país estaria realizando uma “operação militar” na região de Donbas, localizada ao leste da Ucrânia. No entanto, o que se viu foi uma guerra motivada por interesses russos e que desde fevereiro vem causando inúmeros prejuízos e destruição ao território vizinho. Desde o início, o governo da Ucrânia tem protestado por intermédio do presidente Volodymyr Zelensky, que é contra os avanços militares na Ucrânia e por várias vezes solicitou apoio da Otan - Organização do Tratado do Atlântico Norte.

chamada contratação de “nativos”, é quando os meios de comunicação contratam pessoas estrangeiras para a produção de conteúdo, diferente da compra de produções jornalísticas locais, que é quando os meios de comunicação podem comprar conteúdo produzido pelos veículos de outras regiões.

Ainda sobre as definições, a “assinatura” de veículos internacionais é quando os meios de comunicação brasileiros podem veicular conteúdos, de forma regular, da mídia internacional mediante contrato. Por fim, existe o chamado jornalismo cidadão, quando qualquer pessoa pode produzir um conteúdo e compartilhar por meio da internet. (AGNEZ, 2014, p. 316). Este último, embora importante, causa uma certa ameaça aos jornalistas profissionais, tendo em vista que a cada dia que passa esta participação ganha novos espaços e, nem sempre, os conteúdos compartilhados são verídicos.

Já outros autores, como Albertino Aor da Cunha (1990), têm uma visão mais sucinta destas classificações. Para Cunha (1990), é possível categorizar a atividade exercida no campo do jornalismo internacional em apenas dois grupos de jornalistas, sendo eles: os correspondentes voluntários (free lancers) e os setoriais (ou fixos em determinados lugares), que, de acordo com as palavras do próprio autor, ambas as categorias se diferem dos correspondentes especializados.

Há os correspondentes voluntários (free lancers) e os setoriais (ou fixos em determinados lugares), que diferem dos correspondentes profissionais. Estes são jornalistas preparados em cursos, seminários e conferências. Para sua superação técnica, metodológica e ideológica, são incluídas em seus currículos críticas construtivas e discussões sobre questões encaminhadas no sentido de aquilatar sua atualização e posicionamentos diante da idiosincrasia e do comportamento político, social e cultural dos povos. (CUNHA, 1990, p. 67 apud BRITTO, 2004, p.4)

Portanto, após esta análise, é possível compreender algumas exemplificações da cobertura internacional de notícias, em especial, da carreira de jornalista correspondente. Com o passar dos anos, após o seu surgimento e definição como posto de trabalho, o exercício desta atividade passou por algumas mudanças, mas ainda assim, certas orientações praticadas por esses profissionais mantêm o mesmo padrão, como por exemplo: ficar atento às notícias de todos os tipos de assuntos e manter contato com jornalistas e colegas correspondentes internacionais, além é claro, de fontes estratégicas, como afirma Brasil (2012).

O correspondente é um repórter fixado numa cidade estrangeira – muitas vezes a capital de um país –, sendo responsável por uma região, um país ou, às vezes, até um continente inteiro. Ele deve enviar matérias regularmente para a redação da sede de seu veículo. Para isso, ele acompanha toda a imprensa local, mantém contatos frequentes com jornalistas e colegas correspondentes e identifica fontes estratégicas – como entidades, governos, diplomatas, militares e outras que possam fornecer informações importantes. (BRASIL, 2012, p. 778)

2.4 ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Historicamente, a atividade exercida pelos correspondentes internacionais, dentro da carreira de jornalista, é considerada por muitos como o topo da profissão. “Para o mercado jornalístico, trabalhar como correspondente estrangeiro pode ser considerado o ponto alto na carreira, representando um reconhecimento da experiência e realizações como profissional” como afirma Agnez (2014, p.111). Muitos fatores estão associados a esta visão romântica, como o fato destes jornalistas viverem no exterior, fazerem parte de um grupo seleto de profissionais e, de certa forma, terem mais autonomia na hora de selecionar o conteúdo a ser produzido e transmitido.

No entanto, com o passar dos anos, a identidade profissional destes jornalistas vem sendo alterada, assim como, as principais exigências necessárias para se tornar um jornalista internacional. “Hoje, a prática do jornalismo internacional, como correspondente e como enviado especial, é menos romântica do que parece ter sido para as primeiras gerações de repórteres no exterior (a lenda John Reed⁵ é um exemplo). Atualmente é uma tarefa que exige preparo especializado, inclusive cursado em universidades americanas.” (ESPINOSA, 1998, p. 420). Embora esta análise tenha sido feita em outro período, a observação de Espinosa se mantém pertinente.

As mudanças econômicas e as inovações tecnológicas das últimas décadas promoveram transformações significativas no cotidiano das redações e perfil do profissional jornalista. A alta rotatividade de profissionais nas redações e o advento da Internet, somados ao endividamento progressivo dos jornais desde a década de

⁵ John Silas Reed foi um jornalista norte-americano que cobriu a Revolução Mexicana (1910-1917) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) como correspondente, além disso, acompanhou de perto a Revolução Russa (1917). Tornou-se um dos mais memoráveis correspondentes de guerra do seu país natal, com apenas 26 anos. (BUSTAMANTE, 2014, p.20)

1970 deram origem a outro tipo de profissional e a outro tipo de cobertura. Ao mesmo tempo em que houve a diminuição de salários e a saída dos profissionais mais velhos e melhor remunerados, aumentou a exigência pela qualificação dos jornalistas que ingressam nas redações. (SOUTO, 2010, p. 88)

2.5 CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS DE VEÍCULOS BRASILEIROS

No Brasil, infelizmente pouco se fala sobre a historiografia do jornalismo internacional, em especial, sobre a trajetória dos primeiros correspondentes estrangeiros de veículos nacionais. No entanto, existem algumas personalidades que, possivelmente, foram responsáveis pelos primeiros passos dessa carreira em território brasileiro, como é o caso do jornalista João Paulo Alberto Coelho Barreto.

Provavelmente, o primeiro correspondente internacional do Brasil, nos termos pelos quais a função é aqui definida (trabalho remunerado e estável), foi o célebre João do Rio, pseudônimo jornalístico de João Paulo Alberto Coelho Barreto. Em 1918, segundo Patrícia de Castro Souza, em sua dissertação de mestrado sobre o jornalista para a Universidade Federal de Santa Maria, o jornal *O País* o enviou para cobrir a Conferência do Armistício da Primeira Grande Guerra em Versalhes (França) e João do Rio escreveu regularmente da Europa por oito meses. (SILVA, 2011, p. 29)

Outra personalidade de vital importância para o jornalismo brasileiro foi José Hamilton Ribeiro, hoje com 87, e que já produziu cerca de 500 matérias para a televisão e 800 para jornais e revistas. O jornalista começou a carreira como repórter aos 19 anos e integrou diversas equipes, como a revista *Realidade*. Foi nesse período, inclusive, que ele sofreu um acidente grave na Guerra do Vietnã, em 1978, e perdeu metade da perna esquerda quando era correspondente pela empresa. (BOLDA e CASTRO, 2006, p.3).

Até pouco tempo, cerca de 30 anos, os veículos que investiam no noticiário internacional eram majoritariamente do eixo Rio-São Paulo. (NATALI, 2004, p. 49). Mesmo com o passar do tempo e, possíveis mudanças econômicas e tecnológicas, ainda são poucos os meios de comunicação que conseguem investir neste tipo de cobertura. Manter uma equipe de correspondentes exige um alto investimento e, por isso, somente os principais veículos de comunicação, como a televisão, contam com a participação integrada desses profissionais na cobertura internacional de notícias.

Ter uma produção autônoma de notícias internacionais, contando com correspondentes próprios, tornou-se um luxo. No Brasil, somente os grandes veículos de comunicação, concentrados nos principais centros econômicos do país, ainda contam com profissionais no exterior. As emissoras de televisão e rádio regionais fornecem pouco ou nenhum conteúdo internacional, e os jornais impressos regionais, ainda que mantenham a editoria intitulada “Mundo”, abastecem essencialmente com material extraído da internet, comprado de agências nacionais, internacionais ou ainda públicas – que, neste último caso, fornecem conteúdo gratuito. (AGNEZ, 2015, p.317)

Um acontecimento, em especial, potencializou o noticiário internacional no Brasil e a atuação dos correspondentes, que foi a ditadura militar (1964-1985). Durante a censura imposta no noticiário brasileiro, o jornalismo internacional acabou se tornando uma “válvula de escape”, ou seja, funcionava como uma opção. Em outras palavras, a limitação do noticiário nacional fortaleceu as notícias estrangeiras, afinal, as oposições ao governo militar eram proibidas aqui, no entanto, os jornalistas correspondentes podiam mostrar o que acontecia em outros lugares do mundo. Um exemplo disso foi a cobertura da queda do regime salazarista em Portugal, na Revolução dos Cravos, em 1974, com a repórter correspondente Sandra Passarinho. (JN: 50 ANOS DO TELEJORNALISMO, 2019, p. 245).

Figura 2 - Cobertura da Revolução dos Cravos



Fonte: Reprodução/Memória Globo

Dessa forma, é possível constatar que a década de 1970 é considerada a melhor fase do jornalismo internacional brasileiro. Nos anos da ditadura as informações vindas de fora do país ganharam mais destaque e, pensando nisso, o Brasil manteve um número maior de jornalistas em terras estrangeiras. (AGNEZ, 2014, p.130). “Foi o período em que o país mais manteve correspondentes no exterior, que tinham mais do que a missão de reportar os fatos, mas, sobretudo, de atuar como comentaristas, estabelecendo análises conjecturais. Destacam-se nesse período a figura de grandes jornalistas, como Paulo Francis, Reali Júnior, Cláudio Abramo, entre outros” (AGNEZ, 2014, p.130)

Aqui se faz pausa para um alerta fundamental: não se pode ignorar o papel da censura estatal na imprensa brasileira e suas conseqüências no noticiário internacional, não apenas pelas pautas proibidas na Inter, senão mais ainda pelas proibidas em outras editorias e que tiveram naquela sua válvula de escape. Em diversas vezes, as limitações para noticiar assuntos domésticos impulsionaram a cobertura internacional, em planos freqüentemente metafóricos ou projetivos das situações internas. São indicativos de que o Jornalismo Internacional brasileiro serviu durante longo tempo para contornar a censura ou metaforizar os problemas nacionais, tradição herdada desde as “Cartas Chilenas” de Tomás Antônio Gonzaga. (AGUIAR, 2008, p.6)

Já a década de 1990, por sua vez, foi marcada pela crise financeira na comunicação brasileira e, portanto, na redução de gastos. Paralelo a isso, o desenvolvimento tecnológico fez com que o acesso às notícias estrangeiras fosse possível até mesmo das redações, inclusive, de forma ágil. (AGNEZ, 2014, p.130). “O final dos anos 90 e início do século XXI, com a total informatização das redações da imprensa e a chegada da Internet alteram a forma de armazenar e transmitir dados. Na rede, tudo pode (e deve) acontecer “em tempo real e imediato” (CASTRO, 2006, p.28).

Dentre os telejornais brasileiros, o Jornal Nacional teve um papel importante no jornalismo internacional. O JN foi criado em primeiro de setembro de 1969 e, até os dias de hoje, é o principal jornal em rede da Globo. O Jornal Nacional estreou com o intuito de competir com o “Repórter Esso”, da TV Tupi. Um dos diferenciais que, despertou a curiosidade dos telespectadores em relação ao Jornal Nacional, foi o fato de que o JN abriria o programa com as principais notícias do momento, ou seja, aquelas mais “quentes”, diferente do ‘Repórter Esso’, que selecionava as principais notícias para serem exibidas ao fim do

jornal. (MEMÓRIA GLOBO, 2022).

A primeira edição foi comandada por Hilton Gomes e Cid Moreira. Durante a estreia, alguns assuntos - incluindo as notícias internacionais - ganharam destaque, como a reviravolta na política, a morte do campeão mundial dos pesos pesados Rocky Marciano e o gol de Pelé, que garantiu a classificação do Brasil para a Copa de 1970, no México. O JN foi idealizado por Armando Nogueira, na época, diretor de jornalismo. (MEMÓRIA GLOBO, 2022).

Figura 3 - Armando Nogueira e Cid Moreira na bancada do Jornal Nacional



Fonte: ⁶Adir Mera/Agência O Globo

Nos anos seguintes, a Globo inaugurou seus dois primeiros escritórios internacionais, sendo um em 1973, na cidade de Nova York com o correspondente Hélio Costa, e outro em 1974, em Londres, com a correspondente Sandra Passarinho. Um correspondente internacional foi enviado para cada lugar na intenção de registrar os acontecimentos mais relevantes do exterior, e em 1977, Roberto Feith foi enviado a Paris. Anos antes, o jornalista Hilton Gomes já apresentava uma entrevista gravada com o papa Paulo VI, diretamente de Roma, na Itália, em

⁶ Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/historia_gh.html> Acesso em: 20 ago.2022

28 de fevereiro de 1969. (JN: 50 ANOS DE TELEJORNALISMO, 2019, p.245).

As notícias selecionadas por uma equipe de profissionais, seguindo um direcionamento editorial da empresa, vão compor o repertório de conhecimento de boa parte da população de um país. Quando se exclui determinado assunto de um telejornal muitas vezes se exclui também da mente das pessoas e, conseqüentemente, das discussões. Embora a televisão ou mesmo o Jornal Nacional não seja a única fonte de informação dos brasileiros, muitos tem neste noticiário ou nesta emissora a principal fonte de ligação com os temas internacionais, que, em menor ou maior escala, impactam nas suas vidas enquanto elementos do corpo social nacional. (LEAL, 2015, p.25)

Aos 24 anos, Sandra Passarinho foi a primeira correspondente da Globo na Europa; era 25 de abril de 1974 quando a jornalista foi direcionada para Portugal, juntamente com o repórter cinematográfico Orlando Moreira, no intuito de cobrir a Revolução dos Cravos⁷. Durante alguns meses, Passarinho atuou como correspondente itinerante na Europa, até se fixar em Londres, local em que a Globo criava um posto de trabalho no mesmo ano. (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

A Revolução dos Cravos foi uma reviravolta na vida de Sandra Passarinho. Aos 24 anos, a repórter juntou “uma muda de roupa” e embarcou na viagem que transformaria sua trajetória pessoal e profissional. Acompanhada do repórter cinematográfico Orlando Moreira, a jovem jornalista “caiu de paraquedas” no movimento pacífico que derrubou a ditadura em Portugal, que já durava quarenta anos. (CORRESPONDENTES, 2018, sem paginação)

Figura 4 - A primeira correspondente da Globo na Europa

⁷ Em 25 de abril de 1974, um golpe conduzido pelas Forças Armadas derrubou o regime ditatorial de Portugal, conhecido como Estado Novo, instituído por António de Oliveira Salazar em 1933. Diante da pressão dos militares, que contavam com o apoio em massa da população, o primeiro-ministro Marcello Caetano, sucessor de Salazar, se rendeu. A revolução, que teve como símbolo uma flor, marcou o fim do fascismo, da censura e da opressão para o povo português. (CORRESPONDENTES, 2018, p. 19)



Fonte: Acervo pessoal ⁸Sandra Passarinho

Desde sempre as notícias internacionais são importantes para o Jornal Nacional, independente das imagens serem produzidas pelas agências de notícias ou pelos próprios profissionais da TV Globo/GloboNews no exterior; todavia, é evidente que tanto os correspondentes quanto os enviados especiais ajudam a emissora a produzir um material exclusivo. “A ideia (que persiste até hoje) do departamento de Jornalismo da Rede Globo é a de que a presença de correspondentes brasileiros nos locais dos fatos conferiria mais veracidade aos relatos do que apenas o uso de material das agências internacionais, uma vez que esses profissionais ‘tinham uma visão brasileira’ e aproximariam as notícias do público do Jornal Nacional” (CAVALCANTI e SOARES, 2014, p.13). É importante destacar que nenhum desses profissionais é diretamente vinculado ao Jornal Nacional, no entanto, emplacar matérias ou entradas ao vivo para o JN é como se o trabalho do jornalista fosse amplamente reconhecido.

⁸ Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/sandra-passarinho/noticia/sandra-passarinho.ghtml>>
Acesso em: 20 de ago.2022

3. ANÁLISE DE ENTREVISTAS COM CORRESPONDENTES

Este capítulo foi dividido em quatro grandes temas que serão expostos a seguir, sendo eles: a rotina dos correspondentes brasileiros, a cobertura da pandemia da Covid-19, a Guerra na Ucrânia e a morte da rainha Elizabeth II, de modo a cumprir os objetivos de pesquisa. O primeiro tópico tem como propósito repercutir o dia a dia desses repórteres, sendo assim, serão levantados alguns pontos positivos e negativos da profissão, o modelo de trabalho e o desafio de lidar com dois fusos horários. Em relação à escolha das coberturas, é importante ressaltar que os acontecimentos escolhidos para este estudo marcaram o noticiário internacional nos anos recentes, de 2020 até 2022, tendo em vista a relevância global e o caráter histórico das notícias.

Para uma análise completa desses temas, a pesquisa de natureza qualitativa foi a metodologia escolhida para este trabalho, considerando que o principal objetivo será compreender o processo pertencente à atividade exercida por esses profissionais. Para Gil (1999), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, buscando o que é comum, mas permanecendo, entretanto, aberto para perceber a individualidade e os significados múltiplos. De acordo com Bogdan & Biklen (2003), o conceito de pesquisa qualitativa envolve cinco características básicas que configuram este tipo de estudo: ambiente natural, dados descritivos, preocupação com o processo, preocupação com o significado e processo de análise indutivo.

Este estudo se propõe a analisar as percepções dos repórteres da área e, por isso, se atém aos relatos pessoais dos depoimentos e os interpreta, a partir do referencial teórico. Como forma de auxiliar em uma melhor compreensão, a técnica utilizada foi a da entrevista em profundidade, que direcionou aos repórteres questões baseadas em um roteiro semiestruturado de perguntas. É válido mencionar que, em relação à rotina, os jornalistas convivem com fatores que afetam o processo de construção da realidade, como as fontes. (SANTOS e ROCHA, 2018, 44). Dessa forma, é importante lembrar do *newsmaking* quando se fala sobre as rotinas nas práticas jornalísticas.

No newsmaking, que tem como notórios difusores Nelson Traquina (2005), Mauro Wolf (2009) e principalmente Gaye Tuchman (1983), o conceito de transmissão da realidade através do jornalismo ganha outro aspecto: em oposição ao espelho, a notícia deixa de ser fiel à realidade se torna um instrumento de construção social. Dessa forma, a produção noticiosa passa a ser enxergada de forma industrial a partir de influência de diversos fatores que envolvem esse processo. (SANTOS e ROCHA, 2018, p.43)

Os profissionais entrevistados neste estudo foram: Bianca Rothier, Rodrigo Carvalho e Sandra Coutinho. Os três jornalistas são correspondentes internacionais da TV Globo/GloboNews, no entanto, atuam em países diferentes. A repórter Bianca Rothier mora em Genebra, na Suíça; Rodrigo Carvalho mantém domicílio em Londres, capital da Inglaterra; já a jornalista Sandra Coutinho reside em Nova York, nos Estados Unidos. Assim como os outros dois profissionais, ela é repórter internacional há mais de dez anos.

Os profissionais da TV Globo/GloboNews foram escolhidos para serem o norte deste estudo tendo em vista o histórico da organização em questões ligadas ao jornalismo internacional. Alguns autores citados no capítulo anterior ressaltam que o departamento de jornalismo da Rede Globo entende que a participação dos correspondentes brasileiros nos locais dos fatos confere mais veracidade às informações; não é à toa que a TV Globo inaugurou dois escritórios no exterior na década de 70, sendo um em Nova York e outro em Londres. Além disso, a emissora disponibiliza de forma online um vasto acervo com reportagens internacionais e nacionais do grupo, bem como um histórico da empresa. Com o objetivo de tornar a pesquisa qualitativa mais diversa, os repórteres escolhidos são de países diferentes, ou no caso de Sandra Coutinho, de outro continente.

A primeira entrevista foi feita com a repórter Sandra Coutinho, em novembro de 2021, por chamada de vídeo, e novamente em outubro de 2022, para complemento de informações. As respostas foram gravadas e em seguida decupadas. O segundo entrevistado foi Rodrigo Carvalho. Por escolha do jornalista, o questionário foi enviado por meio do aplicativo whatsapp e, por lá, o repórter respondeu às perguntas através de áudios compartilhados no mês de setembro de 2022. Por último, a correspondente internacional Bianca Rothier, assim como Rodrigo, encaminhou o depoimento por meio de mensagens em áudio no mês de outubro deste ano. Algumas perguntas feitas aos repórteres foram semelhantes e outras foram

pontuais, tendo em vista as coberturas de cada um, como a entrevista exclusiva feita por Rodrigo Carvalho com uma brasileira vacinada em Londres.

3.1 A ROTINA DOS CORRESPONDENTES BRASILEIROS

Por definição, rotina é o hábito de fazer algo sempre do mesmo modo; uma prática diária. Dentro do universo das profissões, existem as rotinas de trabalho, que abrangem as atividades desempenhadas pelos colaboradores e o processo em que tais práticas são exercidas. No entanto, a carreira de um jornalista é bem mais dinâmica do que a maioria das ocupações, isso porque uma *breaking news* - notícia de última hora - em questão de segundos pode mudar a logística de uma redação, por exemplo. Contudo, é válido ressaltar que por trás de possíveis intercorrências existe uma certa ideia que orienta o dia a dia desses profissionais.

Para a correspondente internacional da Globo/GloboNews na Suíça, Bianca Rothier, a rotina na vida de um jornalista já é algo muito difícil e, a rotina na vida de um correspondente, é quase impossível. O compromisso desempenhado diariamente por esses profissionais é único na mesma medida em que é desafiador. No entanto, existem algumas práticas cotidianas que fazem parte da vida desses profissionais. Normalmente esses repórteres recebem uma escala de trabalho no dia anterior, detalhando em quais jornais cada um vai trabalhar no dia seguinte. Inclusive, os três repórteres entrevistados neste trabalho afirmam que todos os correspondentes internacionais da emissora, sem exceção, trabalham tanto para os jornais da TV Globo quanto para os jornais da GloboNews.

Em relação à escala de reportagem preestabelecida, Bianca Rothier ressalta que às vezes acontecem algumas mudanças no planejamento. Para exemplificar, ela traz um acontecimento recente: "Ontem estava previsto eu fazer um Jornal Hoje e um boletim para a GloboNews, e acabou que eu fiz uma matéria para o JH, uma matéria para o Jornal Nacional e uma matéria para o Jornal das Dez. Então o que tá na escala nem sempre é o que vai ser seguido à risca, porque as notícias surgem", (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022). É válido mencionar que, no jornalismo, o termo "boletim" se refere a uma espécie de resumo dos acontecimentos que são produzidos e transmitidos pelo repórter.

Sobre essa situação, a repórter destaca que neste caso, especificamente, outro correspondente que iria fazer a matéria sobre a guerra, no entanto, o Alto Comissariado da ONU falou sobre os ataques da Rússia e, como a sede da ONU na Europa fica justamente em Genebra, na Suíça, ela teria um gancho⁹ para fechar a matéria. No caso de Bianca Rothier, ela era a única correspondente da Globo no país e, por isso, poderia fechar o material de lá.

Isso é um exemplo de que a rotina não existe, fora que quando tem breaking news aí tudo muda. Tem dias que eu faço três jornais, e tem dias que eu faço nove jornais, então varia muito, especialmente se tiver breaking news. Mas não só isso, às vezes tem uma notícia importante da Organização Mundial da Saúde (OMS), e eu sou a única da Suíça, então eu faço para todos os jornais da GloboNews e da Globo. Ou então, o Alto Comissariado da ONU resolveu falar sobre o governo Bolsonaro, aí eu tenho que fazer todos os jornais da Globo e GloboNews. Depende um pouco se tem notícias por aqui ou não. Se não tiver, a escala é mais ou menos dividida entre todos os correspondentes de uma forma equilibrada. (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022)

Sandra Coutinho, correspondente internacional nos Estados Unidos, afirma que a cada semana os jornalistas trabalham em um horário diferente por lá, e fazem alguns telejornais como o Jornal Hoje, Bom Dia Brasil e o Jornal Nacional. Segundo ela, há um rodízio no escritório de Nova York. Ainda em relação à escala de reportagem, Rodrigo Carvalho destaca que em Londres ela é definida sempre na noite anterior, para todos os repórteres. Assim como Bianca, o correspondente menciona que essa previsão pode variar, mas normalmente a rotina dos jornalistas tenta seguir o que foi previamente definido.

Tem uma escala para todos, de horários e de jornais, essa escala varia muito porque gostam que diferentes repórteres participem de diferentes jornais, mas a minha escala basicamente varia entre Jornal Nacional, Jornal Hoje, Jornal da Globo e Estúdio i da GloboNews. É uma escala por turno, eu entro e faço geralmente um ou dois vivos para a GloboNews, um vivo para o JH, um vivo para o estúdio i e matéria para o Jornal Nacional. Depende, varia, mas é uma rotina que obedece uma escala e nessa escala eu faço diferentes jornais, mas sempre repetindo alguns. Eu chego no escritório geralmente 11h da manhã, meio-dia, e tenho ali a escala que é definida sempre na noite anterior. [...] O horário de entrada a gente batalha para ser sempre o mesmo para ter rotina. (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022)

No que diz respeito ao espaço para sugestão de pauta, Rodrigo Carvalho aponta que hoje em dia o factual está se impondo com muita força e, além disso, o correspondente internacional tem autonomia na hora de opinar e escolher os temas a serem abordados; mas é

⁹ Gancho é uma gíria jornalística que indica diferentes abordagens que hierarquizam as notícias. Ela normalmente vai ser associada a algum fato, dado, acontecimento que possa “puxar” outras abordagens, tendo o gancho como principal fato do lead. (MAZZI, 2013, p. 26)

um trabalho em equipe. “Às vezes os editores do Brasil querem outro assunto, então vamos chegando a um consenso. A questão é que ultimamente os assuntos estão se impondo de uma maneira muito clara, como a pandemia e depois a guerra. Não tem muito o que discutir de pauta, é mais uma discussão sobre a abordagem”, (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022). Silva (2011) ratifica a informação de Rodrigo Carvalho sobre a autonomia de pauta.

O correspondente costuma ter grande autonomia de pauta. Como ele é quem está no local dos fatos, a redação costuma respeitar as prioridades que ele estabelece. Essa autonomia era muito maior, no entanto, antes dos canais de notícias de 24h, das edições eletrônicas dos jornais estrangeiros e da disseminação das informações pela internet. Quando a sede passou a ter todos esses instrumentos à disposição para se informar sobre o que ocorre no país onde está o correspondente, começou a interferir muito mais na sua pauta. (SILVA, 2011, p.109)

Bianca Rothier destaca que muitas vezes a sugestão de pauta vem de algum jornal do Brasil, como o Fantástico ou, se não, do próprio escritório de Londres, que segundo a jornalista é quem distribui as pautas na Europa. No entanto, a repórter afirma que muitas vezes ela também é responsável pelas sugestões, tendo em vista que por morar na região tem acesso a diferentes acontecimentos e assuntos que podem ser interessantes para o público brasileiro. Ainda em relação a isso, Sandra Coutinho relata que muitas pautas sugeridas pelos correspondentes são aceitas pela sede.

Por estarem em países diferentes e, conseqüentemente, em escritórios diferentes, cada jornalista aponta uma particularidade relacionada à equipe. Na Suíça, por exemplo, o escritório conta apenas com a repórter correspondente e o cinegrafista, por esse motivo, Bianca Rothier acaba produzindo a maioria das matérias feitas na região. “Em Genebra não tem produtor, em nosso escritório sou só eu e um cinegrafista, então normalmente eu mesma produzo minhas próprias pautas. É claro que vou sempre discutir o assunto com o editor responsável pela matéria e com a coordenação de produção, mas eu sendo minha própria produtora eu tenho grande autonomia”, (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022).

O produtor é um jornalista que, dentre as atividades desempenhadas, é responsável por apurar um conteúdo, ligar para as fontes, marcar com um entrevistado quando necessário, checar os dados e, só então, encaminhar a pauta para o repórter começar a executar a

reportagem juntamente com o cinegrafista. Todavia, nem sempre os escritórios estrangeiros de veículos brasileiros contam com a presença de todos os profissionais do jornalismo. Sendo assim, no caso de Bianca, além de repórter, ela é responsável por produzir a maioria das matérias feitas por ela.

Já em Nova York, assim como em Londres, o escritório conta com uma equipe de produção, o que facilita de certa forma o processo de construção do conteúdo. Apesar disso, Sandra Coutinho comenta que às vezes os repórteres também participam dos processos iniciais, como a procura por fontes. Em relação ao escritório de Londres, Rodrigo Carvalho ressalta que ao todo são 14 profissionais, entre repórteres, produtores, editores de imagem, cinegrafistas, o chefe responsável, um profissional de TI e um colaborador do administrativo.

A estrutura do escritório é a seguinte, somos três repórteres: Cecilia Malan, Murilo Salviano e eu; o Murilo chegou um mês atrás. São quatro produtores, dois editores de imagem, dois cinegrafistas, o Ernani, chefe, e duas pessoas que não são necessariamente do jornalismo, uma é do TI e outra é do administrativo. Ao todo são doze jornalistas; é uma redação com catorze pessoas, doze jornalistas produzindo conteúdo. (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022)

Na rotina dos correspondentes, existe um elemento que pode ser decisivo no processo de elaboração das notícias: o fuso horário. “A gente tem que aprender a lidar. A cabeça fica o tempo inteiro pensando nos dois horários, porque claro, o horário de fechamento de matéria obedece o horário do Brasil. É claro que a gente cria nosso horário aqui, mas não tem como, o horário do Brasil fica nos rondando o tempo inteiro”, (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022). Os correspondentes estrangeiros de veículos brasileiros enfrentam diariamente o desafio de trabalhar com dois fusos horários, o do Brasil e o do país em que residem. No caso de Londres, em boa parte do ano os repórteres estão a 4 horas de diferença da sede da empresa. A Suíça, por sua vez, está 5 horas à frente do Brasil.

Sobre isso, é importante destacar que os repórteres brasileiros que trabalham na Europa convivem com alguns pontos positivos e outros negativos do fuso horário. “Há situações em que a matéria já está pronta quando na sede ainda nem começou a reunião de pauta. Mas, por outro lado, o risco de o correspondente na Europa ser despertado de madrugada por editores que estão em pleno horário de trabalho é enorme” (SILVA, 2011,

p.109). Bianca Rothier menciona, inclusive, que por causa do fuso horário, muitas vezes é preciso trabalhar mais.

O lado positivo é que a gente tem mais tempo para trabalhar as matérias. O Jornal Hoje, que no Brasil é 1h25 da tarde, aqui é às 6h25 da noite, então significa que tenho mais tempo durante o dia para avançar nas notícias, para consolidar, para produzir entrevista. Eu ganho em qualidade. O lado negativo é que você acaba trabalhando muitas vezes mais. Por exemplo, o Jornal Nacional que no Brasil é às 8h30 da noite, aqui é 1h30 da manhã, então tem várias vezes que a notícia que a gente tá dando às vezes tem atualizações até perto do jornal. Então a gente tem que ficar um pouco atento, regravar off, ver agência de notícia pra saber se chegou alguma novidade. O horário acaba sendo um pouco extenso nesse sentido. (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022)

Por interferir diretamente na rotina de trabalho, o fuso horário presente na vida dos correspondentes implica também em cuidados na vida pessoal. “É muito difícil para mim marcar um jantar durante a semana, marcar um show, porque acaba que eu trabalho com o fuso do Brasil; então sempre tenho que estar mais disponível no fim do dia. Por outro lado, as minhas manhãs tendem a ser mais tranquilas”, (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022).

Já nos Estados Unidos, de acordo com Sandra Coutinho, o desafio maior é justamente nas primeiras horas do dia. “Nesse momento nosso fuso horário para o Brasil é de só uma hora de diferença. Daqui a pouco termina o horário de verão aqui e a gente passa a ficar 2h atrás do Brasil. Então os horários mais difíceis são os horários da manhã. O Bom Dia Brasil e o Jornal Hoje ficam mais cedo pra gente”, (Sandra Coutinho, em entrevista à autora, 2022). Portanto, adaptar-se aos horários é um fator determinante na produtividade dos correspondentes internacionais. Silva (2011) explica que os repórteres internacionais do Brasil que residem nos Estados Unidos tendem a ter um desafio maior com os horários.

É duro ter de fechar a matéria quando os fatos ainda estão ocorrendo, como é o caso muitas vezes do correspondente brasileiro nos Estados Unidos, em particular no inverno do hemisfério norte. Há casos em que uma entrevista coletiva começa quando o jornal está prestes a fechar na sede. No século XXI, o problema ficou bem menos grave, já que se tornou possível escrever e enviar o texto de um smartphone. (SILVA, 2011, p.107)

Em relação às vantagens e desvantagens da profissão, os três jornalistas citam alguns pontos em comum. “O negativo sem dúvida é essa imprevisibilidade da vida, da rotina. Existe uma rotina, é óbvio que existe, mas ainda assim o jornalista é pego de surpresa com uma

frequência muito maior do que a grande maioria das profissões”, (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022). Como exemplo, o repórter cita que, no período da morte da rainha Elizabeth II, ele estava com uma viagem de férias agendada para a Itália. O jornalista iria passar uma semana no país em companhia da mulher, no entanto, por causa da breaking news ele não pode acompanhá-la e ela precisou viajar sozinha.

Além disso, ele menciona que duas colegas do escritório de Londres estavam no Brasil e precisaram voltar; uma delas foi Cecília Malan, correspondente internacional, e a outra foi Stephanie Wegenast, uma das produtoras da equipe. “Então assim, em quais profissões isso acontece? É claro que depende do posto que você ocupa e o que você faz, isso não necessariamente vai ser muito frequente, mas só disso rondar a cabeça já é um ponto que pode ser negativo sim”, (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022). Porém, ele cita que existem várias vantagens presentes na vida de um correspondente estrangeiro.

O ponto positivo é que você, como repórter, conhece muita gente, conhece pontos de vista, conhece lugares, você roda muito a cidade, não importa qual a cidade do mundo. Você se vê em situações que você jamais estaria se não fosse repórter, de certos encontros, com certas pessoas, papos, coisas que você ouve, lugares que frequenta. Isso pra mim é muito interessante e, expandindo isso para uma realidade de correspondente, fica uma coisa com mais estímulos ainda, com diferentes culturas, línguas e essa visão de brasileiro, sobretudo com esse olhar nosso e de como colocar isso nas reportagens. A importância de ter esses paralelos nas reportagens como correspondente, da realidade daqui ou de qualquer país com a realidade brasileira. Isso é muito interessante. (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022)

Sobre a rotina, Bianca Rothier cita novamente que é quase inexistente. “É uma profissão que você trabalha muito, sem rotina, trabalha fim de semana e dá muito plantões; quantas vezes eu passei a virada do ano trabalhando e passei o natal longe da família?! Então não é fácil”, (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022). No caso de Bianca, que é mãe de dois filhos pequenos, é preciso ter uma atenção redobrada. “Ter que lidar com essa falta de rotina e ao mesmo tempo buscar o filho na creche, sendo que a creche tem horário para acabar e você ainda tá trabalhando, especialmente porque trabalha com o fuso horário do Brasil, o desafio é enorme”, (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022).

Ainda sobre isso, a correspondente internacional menciona que parou de amamentar por causa da guerra na Ucrânia,¹⁰ pois passou dez dias cobrindo o conflito em Bruxelas, capital da Bélgica, e quando voltou o leite já havia secado. Todavia, Bianca Rothier ressalta que os pontos positivos falam mais alto do que todos os desafios, plantões e noites mal dormidas.

São muitos pontos positivos também. Acho que é um trabalho que me enriquece como pessoa, eu aprendo a cada dia, eu aprendo todos os dias. Me faz uma pessoa melhor e me dá uma sensação de dever cumprido, de ser uma pessoa útil, de ter um propósito na vida e de ajudar pessoas. Vou dar o exemplo da pandemia: quantas matérias eu fiz, sobre a Organização Mundial da Saúde (OMS), espalhando as notícias e as orientações que eu tenho certeza que salvaram vidas?! Então é muito bom você ter um trabalho em que você se sente útil. Eu acho que essa recompensa acaba falando muito mais alto do que todos os desafios. (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022)

Por fim, Sandra Coutinho destaca que uma das vantagens da profissão é presenciar os grandes acontecimentos. “O ponto positivo é estar no lugar onde as coisas acontecem e acompanhar a história sendo escrita diante dos nossos olhos”, (Sandra Coutinho, em entrevista à autora, 2022). Em relação aos pontos negativos, ela menciona que muitas vezes o profissional precisa trabalhar no natal, no ano novo e tem sempre uma carga horária mais complicada.

3.2 COBERTURA DA PANDEMIA DA COVID-19

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia da Covid-19, provocada pelo coronavírus (Sars-Cov-2). O primeiro caso da doença foi confirmado no final de 2019, na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei, na China. Pouco tempo depois, em 11 de março de 2020, a situação já havia se agravado em escala global, o que fez a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar o início da pandemia - disseminação mundial de uma nova doença - causada pelo coronavírus.

Desde que a doença causada pelo novo coronavírus (Covid-19) surgiu na China em dezembro de 2019, espalhou-se pelo mundo, passou pela Europa, Estados Unidos e chegou ao Brasil, em fevereiro do ano seguinte, através de um idoso, morador em São Paulo, recém chegado da Itália. A primeira morte registrada pelo Ministério da Saúde, em 17 de março, foi a de um porteiro de um condomínio no Paraíso, bairro da capital de São Paulo. No Rio de Janeiro, a primeira morte foi de uma empregada

¹⁰ Mais informações sobre a Guerra na Ucrânia serão trazidas ao longo do capítulo.

doméstica que contraiu a doença por intermédio de sua patroa, que também tinha retornado de uma viagem à Itália. (NARDY, 2021, p.12)

É importante destacar que, com a disseminação do coronavírus, outro fenômeno ganhou espaço, o negacionismo. Nesse período o trabalho dos jornalistas, especialmente o dos correspondentes estrangeiros, foi essencial no combate à desinformação. Isso porque os casos de Covid-19 começaram no exterior, portanto, as primeiras notícias foram referentes à situação nos países estrangeiros. Nos primeiros meses era preciso entender o que estava acontecendo para só então repassar uma informação de qualidade e objetiva, de forma que todos entendessem o perigo iminente da contaminação.

Correspondente da TV Globo em Nova York, Sandra Coutinho ressalta que durante a pandemia o jornalista profissional precisou ficar mais atento ao processo de apuração. “Tem muita coisa que parece verdadeira, mas uma pequena distorção que você reproduz já é grave o suficiente para que seu trabalho não seja mais confiável”, (Sandra Coutinho, em entrevista à autora, 2021). Coutinho lembra que, durante a pandemia, muitas cenas foram difíceis de testemunhar e que esse período trouxe um novo desafio, o home office. Com o intuito de evitar a contaminação da Covid-19, muitos países declaram 'lockdown', uma medida extrema de restrição de circulação e, com isso, diversas profissões precisaram ajustar ao modelo de trabalho remoto.

Coutinho ressalta que o escritório de Nova York inteiro, quase do dia para noite, virou um escritório virtual. “Ficar completamente desligado da redação, ver coisas difíceis, duras de testemunhar e ter aquela impotência de saber que no fundo sua única função ali é reportar, para mostrar ao mundo o que está acontecendo de fato, foram os principais desafios”, (Sandra Coutinho, em entrevista à autora, 2021). Além disso, o papel principal do jornalista na pandemia, segundo ela, foi quebrar a barreira do negacionismo, que como consta na própria definição, nega uma realidade existente; no caso da pandemia, muitas vidas foram perdidas.

No dia 16 de março de 2020, algumas pessoas já foram encaminhadas para casa, dentre elas eu, porque tenho uma doença autoimune e tomo um imunossupressor, que diminui meu sistema imunológico. No dia seguinte, ou dois dias depois, acabou que todos foram para casa. Eu acho que o jornalismo, principalmente o de televisão, você não faz nada sozinho. As grandes coberturas são feitas em equipe, o cinegrafista às vezes enxerga algo que você não está vendo, por exemplo. Então durante a pandemia a comunicação ficou muito diferente. Você levantar da sua mesa

e ficar ao lado do editor e, junto com ele amarrar o texto, é muito diferente. (Sandra Coutinho, em entrevista à autora, 2021)

Tradicionalmente o jornalismo é um trabalho feito em equipe, com a co-participação de todos. Normalmente, em uma redação, as matérias a serem produzidas passam pelo olhar de profissionais como o produtor de reportagem, produtor executivo, editor-chefe, repórter, cinegrafista, editor de texto e editor de imagem. Antes do produto final ficar pronto, são feitas reuniões presenciais - e diárias - para determinar o encaminhamento da pauta e quais são os pontos mais importantes a serem destacados. No entanto, a pandemia impactou diretamente a rotina dos jornalistas, pois muitos não puderam mais se encontrar presencialmente, como costumava acontecer. Para alguns, o trabalho presencial virou remoto - em relação a isso, houve revezamento em algumas redações - e muitas reuniões passaram a acontecer de forma virtual, na tentativa de que todos participassem.

Por causa dos riscos de contaminação do vírus da Covid-19, muitos correspondentes estrangeiros precisaram entrar ao vivo dentro da própria residência com uma certa frequência, de uma forma que não costumava acontecer antes da pandemia. Foi preciso se adaptar a uma nova realidade, mas sem perder a qualidade do conteúdo transmitido. Ao longo de 2020, primeiro ano da pandemia, esse novo modelo de trabalho continuou acontecendo, como a entrada ao vivo de Sandra Coutinho para a GloboNews na cobertura da indicação de Donald Trump para a Suprema Corte.

Figura 5 - Ao vivo¹¹ sobre a indicação de Trump para Suprema Corte

¹¹ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/sandra-coutinho-trump-muda-o-foco-da-campanha-falando-sobre-suprema-corte-8875182.ghtml>> Acesso em: 25 set.2022



Fonte: Redes Sociais

A jornalista ressalta ainda que o auxílio de boas fontes é fundamental no processo de construção da notícia e, portanto, na pandemia não seria diferente. Dessa maneira, torna-se evidente que o correspondente internacional precisa ser testemunha dos acontecimentos e deve permanecer atento aos processos de checagem dos fatos, assim como os demais jornalistas profissionais.

Eu defendo uma coisa que aqui no exterior é ainda mais difícil, que é ter fontes. A gente não pode confiar só no que a gente lê na internet. Ao invés de você confiar só na agência de notícias, seja a testemunha ocular do que está acontecendo. Vá para rua olhar, tenha uma fonte que você possa ligar e, cheque sempre o que você puder com a fonte primária daquela informação. Nesta pandemia vimos como é perigoso repassar uma informação. A fake news nasce justamente disso, da não checagem das informações. Eu acredito que todos os jornalistas profissionais ficaram mais criteriosos. (Sandra Coutinho, em entrevista à autora, 2021)

Assim como Sandra Coutinho, Rodrigo Carvalho cita que a rotina mudou muito com a pandemia e com os meses em lockdown. “Logo no início a gente até conseguiu fazer algumas reportagens na rua, mostrando Londres vazia, a megalópole pacata, em silêncio. Consegui fazer matéria sobre a realidade das pessoas em situação de rua, naquele momento que se falava para ficar em casa - mas e quem não tem casa, né?” (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022).

Segundo ele, cerca de três dias depois dessa pauta a Globo definiu que os repórteres deveriam ficar todos em casa. O correspondente destaca que foi um desafio trabalhar de home office, porque ele não contava mais com o auxílio do cinegrafista, por exemplo. Era preciso fazer tudo sozinho, como montar tripé, preparar a luz e fazer a própria gravação. “Eu gravava do meu quintal, que ajudava a mostrar Londres de alguma forma”, (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022).

Tinha o desafio também de fazer a entrevista remota, porque por mais que tenha sido um legado desse momento difícil para o jornalismo, de perceber que muitas entrevistas podem sim ser feitas remotamente, no fim das contas, mesmo para as entrevistas rápidas o encontro presencial é muito importante. A troca presencial colabora com a construção de uma entrevista melhor, mas era o desafio de gravar tudo remotamente, de tecnicamente aprender a fazer aquilo, e já pré-editar para mandar para o editor. Na prática os repórteres tiveram muito mais trabalho, porque não tinham uma equipe mais, a gente se gravava sozinho, fazia entrevista sozinho remotamente, então foi um volume maior de trabalho; mas que também acostuma-se. A chefia foi entendendo que diante disso era importante até repensar a escala, ao invés de prever tantas participações de cada repórter, entender que como o processo de trabalho era mais lento, às vezes era bom repensar isso; ia sendo discutido e todos nós fomos nos adaptando. (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022)

Além dos desafios relacionados ao trabalho remoto, o repórter lembra que foi preciso ter muito cuidado ao noticiar assuntos relacionados à pesquisas e possíveis vacinas. “Lembro muito da sensação que a gente tinha quando tinha acesso a um estudo que falava sobre potenciais tratamentos, avanços de vacina e aquela sensação de que era tudo muito relevante para o mundo inteiro” (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022). Ainda de acordo com o jornalista, como os casos de Covid-19 tiveram uma grande repercussão primeiro por lá, o olhar de todos estava voltado para o noticiário da Europa.

Em relação a isso, é importante lembrar que, embora o primeiro caso da doença tenha sido confirmado na China, o vírus se espalhou rapidamente pelo continente europeu logo nos primeiros meses de 2020. Sendo assim, o repórter destaca que cada frase que ele escrevia tanto para as matérias, quanto para as entradas ao vivo, eram de extrema relevância. Ao lembrar do início da pandemia, o correspondente internacional comenta que uma imagem que marcou foi a da cidade de Londres vazia, completamente diferente do que costumava ser.

Figura 6 - Londres em lockdown na pandemia da Covid-19



Fonte: Hannah McKay/Reuters

Com o passar dos meses, alguns momentos marcaram a cobertura internacional da pandemia, como o início da vacinação ao redor do mundo. O Reino Unido, por exemplo, se adiantou na estratégia de vacinação e começou a aplicar a vacina contra a Covid-19 no mesmo ano, em dezembro de 2020. O correspondente Rodrigo Carvalho encontrou por acaso uma das primeiras brasileiras vacinadas contra a Covid em Londres, a Lúcia Possas, carioca que vive há mais de 20 anos na Inglaterra. A conterrânea foi uma das primeiras pessoas a serem imunizadas porque além de profissional de saúde era do grupo de risco.

Sem dúvidas pra mim esse momento foi muito marcante. Ter dado a sorte de encontrar, na porta de um hospital em Londres, no primeiro dia de vacinação, em dezembro de 2020, uma brasileira que tinha sido vacinada. Aquilo foi lindo, porque foi ao vivo. [...] Fizemos uma entrada ao vivo para a GloboNews e matéria para o Jornal Nacional. Aquilo realmente foi muito marcante porque foi uma janela de esperança que se abriu para as pessoas do Brasil verem uma conterrânea vacinada, eufórica e defendendo a vacina. Foi bonito e importante. (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022)

Figura 7 - Uma das primeiras brasileiras vacinadas¹² no Reino Unido

¹² Disponível em:

<<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/12/13/uma-das-primeiras-vacinadas-contr-a-covid-no-reino-unid-o-brasileira-diz-que-esta-100percent.ghtml>> Acesso em: 25 set.2022



Fonte: Reprodução/Fantástico

Ainda em relação à pandemia, a correspondente internacional Bianca Rothier menciona que foi um período interessante de trabalho, pois a Organização Mundial da Saúde (OMS) fica em Genebra, na Suíça, onde ela reside. “Ao mesmo tempo em que eu estava muito perto da notícia, eu estava distante, porque a OMS ficou fechada - até hoje - para coletivas de imprensa, que estão sendo todas virtuais” (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022). Porém, a jornalista afirma que por morar lá há 12 anos e ter muitos contatos conseguia ter acesso às informações dos bastidores.

Sobre a rotina, Bianca afirma que foi preciso reduzir as viagens e trabalhar muito de casa. Além do desafio de enfrentar a pandemia como correspondente internacional, a repórter esteve diante de outro desafio, ser mãe e conciliar a carreira profissional nesse período inédito. “Quando estourou a pandemia, minha filha tinha menos de um ano de idade. Então foi muito difícil trabalhar de casa com uma criança pequena, mas ao mesmo tempo foi ótimo passar mais tempo com ela. Era sempre uma ginástica”, (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022).

No decorrer da pandemia foi preciso se adaptar também aos novos modelos de trabalho. “Normalmente eu fazia as entradas ao vivo de casa, durante o dia. Só saía à noite,

tipo umas 23h daqui, para gravar passagem¹³ para o Jornal Nacional e Jornal das Dez. Eu trabalhei muito porque eu tinha que cobrir a OMS”, (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022). Em uma das matérias produzidas por Bianca Rothier e exibida no Jornal Nacional em janeiro de 2022, o mundo batia recorde de novos casos de Covid-19 registrados em um intervalo de uma semana, somando 9,5 milhões. Na época, a cobrança maior era em relação à vacinação.

Figura 8 - Matéria¹⁴ de Bianca Rothier sobre o recorde de novos casos de Covid-19



Fonte: Reprodução/Jornal Nacional

3.3 COBERTURA DA GUERRA NA UCRÂNIA

A Ucrânia foi invadida pela Rússia no dia 24 de fevereiro de 2022, momento em que as forças militares russas cruzaram a fronteira e deram início aos ataques em larga escala. Nesse mesmo dia, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, por meio de um pronunciamento televisionado, anunciou que o país realizava uma “operação militar” na região de Donbas, localizada ao leste da Ucrânia. No entanto, o que se viu foi uma guerra motivada por

¹³ A “Passagem” é quando a imagem do repórter aparece na matéria enquanto ele compartilha uma informação. Na reportagem da Bianca Rothier sobre a OMS, por exemplo, a passagem foi feita em frente à organização.

¹⁴ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/06/mundo-bate-recorde-de-novos-casos-de-covid-registra-dos-no-intervalo-de-uma-semana-95-milhoes.ghml>> Acesso em: 17 out.2022

interesses russos e que desde fevereiro é responsável por inúmeras mortes e destruição ao território vizinho.

O dia 21 de fevereiro começou com os russos negando que pretendiam invadir a Ucrânia, entretanto Putin reconheceu as regiões separatistas de Donetsk e Luhansk como repúblicas independentes e autorizou o envio de militares russos para essas regiões. Na noite do dia 23 a ONU realizou uma reunião de emergência do Conselho de Segurança (CSNU) para debater a crise e pedir para que a Rússia não atacasse a Ucrânia. A invasão, entretanto, já estava em andamento. O primeiro discurso foi de António Guterres, Secretário Geral, que confessou estar “encarando um momento, que eu, sinceramente, esperava não ter que vivenciar”. A conversa mais tensa ocorreu entre os embaixadores ucraniano, Sergiy Kyslytsya, e russo, Vassily Nebenzia, que estava à frente do CSNU naquele mês. Para Kyslytsya, a resposta da ONU à ameaça russa foi tardia. Já na madrugada do dia 24, Putin anunciou uma “operação militar especial” em Donbas, alegando ataques e opressões por parte Kiev [...]. (APARECIDO e AGUILAR, 2022, p.10)

Desde o início, o governo da Ucrânia tem protestado por intermédio do presidente Volodymyr Zelensky, que é contra os avanços militares na Ucrânia e por várias vezes solicitou apoio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), aliança composta por 30 países incluindo Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, França e Itália. A organização foi criada em 1949, durante a Guerra Fria - após a 1ª Guerra Mundial - em oposição à antiga União Soviética. Apesar da Ucrânia não ser um membro da aliança, é considerada um “país parceiro”, inclusive, um dos motivos da invasão das forças militares russas foi justamente a possível entrada dos ucranianos ao grupo.

Parece, portanto, que, do ponto de vista das lideranças políticas da Rússia, a expansão da OTAN é realmente um problema sério quando se trata da Geórgia e, principalmente, da Ucrânia. Isso sugere fortemente que, ainda do seu ponto de vista, o problema é menos com a expansão da OTAN em si do que com a perda de influência ou da capacidade de ação nesses dois países. (GUIMARÃES e KALOUT, 2022, p.37)

No dia 24 de fevereiro o Jornal Nacional fez uma escalada apenas com a principal notícia do dia, a invasão à Ucrânia. Dentre os assuntos abordados na edição, o JN repercutiu a ação do presidente da Rússia, as explosões durante a madrugada, a saída de refugiados da Ucrânia e os brasileiros que estavam pedindo ajuda do governo para deixar a região. “O mundo está prestes a completar as 24h mais tensas do século 21 entre as potências nucleares que no século passado protagonizaram a chamada Guerra Fria. A rigor, desde o fim da União

Soviética, há mais de 30 anos, russos e americanos não impunham uns aos outros em um clima bélico dessa magnitude” afirmou o apresentador William Bonner no início do jornal.

Isso porque, quando o presidente da Rússia, Vladimir Putin, anunciou um ataque militar contra a Ucrânia na madrugada de quinta-feira (24), ele confirmou os alertas emitidos pelos Estados Unidos durante meses. Inclusive, em um pronunciamento¹⁵ feito no dia 18 de fevereiro, Joe Biden, presidente dos EUA, já afirmava que existiam motivos para acreditar que as forças russas atacariam a capital ucraniana de Kiev nos próximos dias. Após o início oficial do conflito, o presidente dos Estados Unidos anunciou uma nova rodada de sanções à Rússia, dentre elas, o bloqueio de quatro bancos russos e a suspensão de mais da metade das exportações de material de alta tecnologia.

Com o início da guerra, o movimento de saída nas fronteiras da Ucrânia se intensificou nas primeiras horas, e quem acompanhou essa situação de perto foram os jornalistas Rodrigo Carvalho, repórter correspondente, Ross Salinas, repórter cinematográfico e Ernani Lemos, chefe do escritório em Londres. Rodrigo Carvalho afirma que a equipe de jornalistas já estava se preparando para cobrir o conflito, por isso, não foram pegos de surpresa.

Mesmo de Londres, eles já vinham noticiando o contexto de crise. “Fizemos matérias longas, com mais de dez minutos para o Jornal Nacional, por exemplo, explicando o contexto daquela crise que estava gerando uma tensão muito grande. Quando culminou na guerra, a gente não foi pego de surpresa, porque a gente estava acompanhando tudo”, (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022). De acordo com o jornalista, o ‘tom’ já era de guerra iminente. Ainda assim, ele lembra em detalhes como recebeu o comunicado do início da cobertura.

Eu recebi a notícia de madrugada, fui acordado com uma ligação do Ernani, chefe do escritório aqui, dizendo: “Começou a guerra e a gente tem que estar daqui a 3h30 no aeroporto. Me liga quando assimilar a notícia, mas é essa a situação basicamente. A gente vai pra Polônia, para cobrir a saída de refugiados na fronteira com a Ucrânia” (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022)

¹⁵ Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/18/biden-diz-acreditar-que-russia-vai-atacar-kiev-nos-proximos-dias.shtml> Acesso em: 24 out.2022

Figura 9 - Matéria de Rodrigo Carvalho sobre a¹⁶ Guerra na Ucrânia

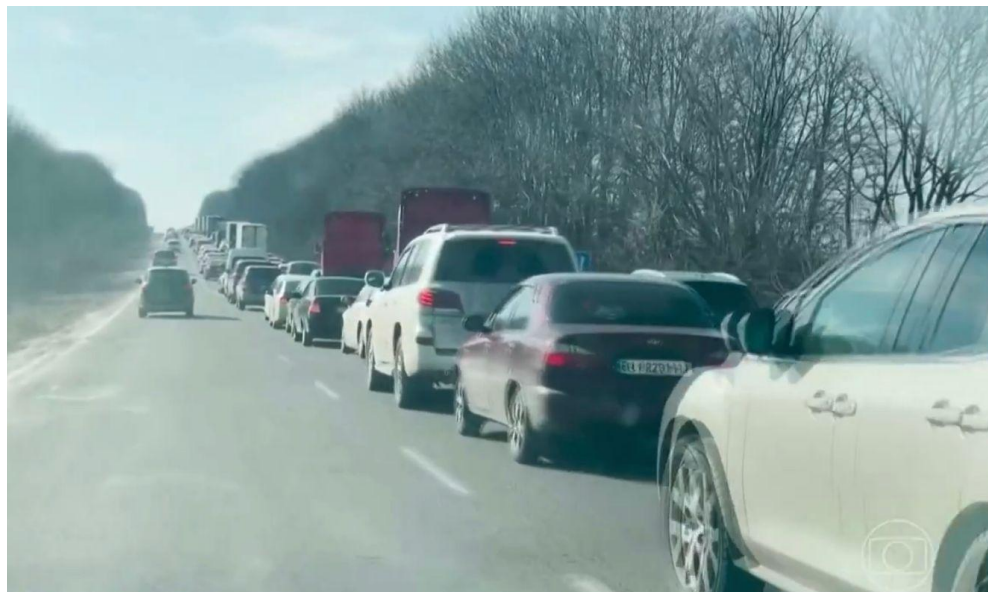


Fonte: Reprodução/Jornal Nacional

Direto do aeroporto de Breslávia, na Polônia, eram gravadas algumas das imagens que seriam exibidas na edição do Jornal Nacional do dia 24 de fevereiro. Dentre as informações, o jornalista Rodrigo Carvalho relatou que o espaço aéreo da Ucrânia estava fechado, sem voos comerciais, mas que o aeroporto inteiro exibia mensagens de apoio ao ucranianos. É válido mencionar que a Polônia tem uma extensa área de fronteira com a Ucrânia e, de acordo com Rodrigo Carvalho, o país vizinho já vinha se preparando para o pior. Nas primeiras 24 horas, o movimento de saída nas fronteiras da Ucrânia se intensificou. Ainda segundo o jornalista, pela manhã, após a Rússia invadir o país, o trânsito em direção a fronteira parou, tendo em vista que a saída por terra era a única disponível.

Figura 10 - Movimento de saída nas fronteiras da Ucrânia

¹⁶ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10335225/>> Acesso em: 25 set.2022



Fonte: Reprodução/Jornal Nacional

O jornalista ressalta que as consequências desse conflito foram difíceis de testemunhar. “Sem dúvida foi uma das coberturas mais marcantes que eu já fiz até hoje, foi tudo muito triste. Passamos ali os primeiros dias, principalmente, naquele impacto inicial, de chorar o dia inteiro, de tomar remédio para dor de cabeça de tanto chorar, nós três”, (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022). Ainda de acordo com o repórter, a equipe ficou um mês na fronteira e presenciou diversas cenas, como a de um idoso atravessando o país com o auxílio de uma bengala. O jornalista destaca que, além da própria dificuldade física, muitos refugiados enfrentavam a dificuldade emocional de deixar a casa para trás, por exemplo.

Muita coisa chamava atenção, a falta de organização no primeiro momento, o caos na fronteira. Lembro muito da gritaria para que as pessoas embarcassem em ônibus, uma confusão, falta de informação. Passava gente de maca, porque tinha chegado esgotado, porque era uma travessia de dias, a pé, de trem, andando, cada um do jeito que dava; então as pessoas de fato chegavam muito esgotadas. Era tudo acontecendo na nossa frente. (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022)

Figura 11 - Publicação sobre os voluntários na fronteira da Ucrânia com a Polônia



Fonte: Redes Sociais¹⁷

Além de vivenciar e produzir um material referente para uma cobertura tão complexa, a equipe de jornalistas precisou lidar com alguns problemas técnicos durante o percurso. “Nos primeiros dias, como tinha muita imprensa, a internet não funcionava lá, então a gente não conseguiu fazer entradas ao vivo nas primeiras 48h. A gente pegava o carro e ia para a estrada, para algum ponto que funcionasse a internet para mandar o material”, (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022). É importante ressaltar que os três jornalistas não chegaram a entrar na Ucrânia, no entanto, a equipe conseguiu acompanhar de perto a situação dos refugiados na fronteira.

Eu não entrei na Ucrânia, nossa cobertura foi sim no contexto de guerra, obviamente, mas não foi uma cobertura de risco, de sirenes e bunkers. Foi uma cobertura da crise de refugiados, a maior em décadas, um negócio muito triste e muito relevante; mas eu já tinha feito sim coberturas de crise de refugiados. Cheguei aqui em dezembro de 2016, e em janeiro de 2017 eu viajei pra Sérvia, foi a minha primeira cobertura saindo de Londres, logo no início, porque tinha em um galpão abandonado, no centro de Belgrado, com um grupo de refugiados da guerra na Síria. Passei uma semana fazendo matéria e entrada ao vivo. [...] Mas eu nunca tinha feito uma cobertura de crise de refugiados estando na porta, que é pegar de fato as pessoas atravessando a fronteira, pisando em um novo país, com a roupa do corpo, uma mala pequena e todas aquelas emoções, todas aquelas angústias. Eu nunca tinha feito nada parecido. (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022)

¹⁷ Disponível em: ,<https://twitter.com/rodrigo__c/status/1497185030493323267> Acesso em: 24 out.2022

Assim como o jornalista Rodrigo Carvalho, Bianca Rothier também participou da cobertura relacionada à guerra na Ucrânia. “Quando estourou a guerra, em fevereiro de 2022, era madrugada, por volta das 3h da manhã, quando eu recebi o alerta no meu celular e imediatamente me coloquei à disposição para entrar ao vivo” (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022). No entanto, ela relata que nesse mesmo momento um dos filhos ficou doente e, por isso, o marido dela, que estava em Portugal a trabalho, precisou retornar para a Suíça. De acordo com Bianca, esse desafio foi muito difícil do ponto de vista pessoal.

Eu fui enviada, nesse dia que estourou a guerra, para Bruxelas. A direção queria que eu cobrisse a repercussão da União Europeia e da Otan, que é aliança militar do ocidente; todos os passos da Otan, como a Otan iria reagir a guerra e todas as repostas da União Europeia. Então quando estourou a guerra esse foi o meu destino. (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022)

A jornalista ressalta que no ano de 2022 não chegou a entrar na Ucrânia, mas além de Bruxelas, capital da Bélgica, Bianca Rothier foi para a Polônia cobrir refugiados, especialmente os repatriados brasileiros que estavam fugindo da guerra. Em uma das postagens nas redes sociais, a repórter compartilhou algumas informações da cobertura com a seguinte legenda: “Hoje acompanhamos aqui da Polônia a operação de repatriação de brasileiros que fugiram da guerra na Ucrânia. Conhecemos Nicole, de 8 anos, que na foto segura a irmã, Lis, de 4 meses, e nos contou que teve medo de nunca mais ver o pai, um músico ucraniano. Mas ele, por ter 3 filhos, não foi obrigado a lutar”.

Figura 12 - Operação de repatriação de brasileiros que fugiram da guerra



Fonte: Redes Sociais

Todavia, é importante lembrar que a repórter foi para a Ucrânia outras vezes. “Eu não fui para a Ucrânia quando estourou a guerra este ano, mas eu estava lá em 2014, quando no fundo tudo isso que a gente está vendo hoje começou. Em 2014 eu fui cobrir um protesto até então pacífico, que se transformou em uma revolução e teve uma noite sangrenta, um massacre, e eu estava lá justamente nessas 24h” (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022).

A praça principal da cidade, a praça da independência, virou realmente um campo de guerra, houve um massacre. Naquelas 24h quase 100 pessoas morreram. Eu vi pessoas morrendo na minha frente, eu contei 17 corpos, foi um momento muito difícil. O que aconteceu naquela época foi que o então presidente, Viktor Yanukovich, era um presidente ligado à Rússia, e os moradores especialmente de Kiev fizeram um protesto gigantesco porque eles queriam uma aproximação com a União Europeia, e não com a Rússia. Foram para a rua protestar e esses protestos foram reprimidos de maneira muito violenta. O presidente acabou caindo do poder e a Rússia foi lá e anexou a Crimeia. [...] Eu vi cenas impossíveis de serem esquecidas. [...] Isso foi o que aconteceu em 2014. (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022)

Figura 13 - Cobertura em Kiev no ano de 2014



Fonte: Redes Sociais

Sobre a guerra na Ucrânia, Sandra Coutinho afirma que a equipe dos Estados Unidos tem participado sempre, mas que as notícias não são contadas in loco, como foi o caso de Bianca Rothier e Rodrigo Carvalho, que estiveram na fronteira entre a Ucrânia e a Polônia durante alguns momentos do conflito. Sendo assim, ela destaca, que nesse caso, os repórteres da Europa acabaram cobrindo mais a guerra, tendo em vista até mesmo a aproximação geográfica com o acontecimento. Mesmo assim, a participação do escritório de Nova York foi importante em diversos momentos, tendo em vista, por exemplo, as declarações do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, perante o conflito.

Em uma das entradas ao vivo para a GloboNews¹⁸, a correspondente internacional repercutiu a reação do presidente diante do cenário existente naquela época. “Pela primeira vez ele disse isso, que ele está convencido de que o presidente russo, Vladimir Putin, já decidiu que vai invadir a Ucrânia. Acenou de novo com essa possibilidade de paz, mas ele

¹⁸ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/sandra-em-seu-discurso-sobre-crise-na-ucrania-bid-en-estava-o-oposto-do-que-se-espera-de-um-presidente-nessa-situacao-10316559.ghtml>> Acesso em: 20 out.2022

parecia mais estar dando um aviso para os americanos da inevitabilidade da guerra”, afirmou Sandra em um trecho da entrada ao vivo.

Figura 14 - Biden repercute sobre a Guerra na Ucrânia



Fonte: Reprodução/GloboNews

3.4 COBERTURA DA MORTE DA RAINHA ELIZABETH II

A rainha Elizabeth II, que morreu aos 96 anos, foi a monarca mais longeva da história do Reino Unido e a segunda da história mundial. Um dos motivos que possibilitou um reinado tão duradouro, com sete décadas, foi o fato de que Elizabeth II tornou-se rainha muito jovem, aos 25 anos, após a morte do rei George VI, seu pai. Inicialmente seu tio Edward era o primeiro na linha de sucessão ao trono, no entanto, ele abdicou da coroa em 1936. Foi nesse momento que o pai de Elizabeth tornou-se rei, quando ela tinha apenas 10 anos. Anos depois, após a rainha assumir o trono em 1952, muitas mudanças perpassaram a monarquia britânica, dentre elas, uma nova fase entre a Família Real e a imprensa.

Um desses momentos cruciais do relacionamento da Família Real com a imprensa acontece dezesseis meses após Elizabeth assumir o trono, no dia 2 de junho de 1953. Esse é o dia em que, finalmente, a Rainha Elizabeth II foi coroada em Londres, na importante Abadia de Westminster. A cerimônia foi um marco dessa parceria da realeza com a mídia e é o pontapé inicial de um novo momento de proximidade entre os membros da Família Real e o seu público. A preparação para o evento começou meses antes, com o anúncio de que ele seria televisionado ao vivo pela British Broadcasting Corporation, a BBC, rede britânica pública de rádio e televisão

fundada em 1922. Essa seria a primeira vez em que uma coroação era televisionada, o que causou enorme interesse do público. (SANTANNA, 2019, p.17)

Figura 15 - Cerimônia de coroação da rainha Elizabeth II



Fonte: Associated Press/File

A decisão de transmitir esse acontecimento possibilitou um grande alcance na cobertura televisiva e uma aproximação maior com o público que acompanhava a celebração. “No país, 10 milhões de pessoas assistiram à coroação pela televisão, ultrapassando a cobertura de rádio pela primeira vez na história. O momento foi importante para a realeza, mas também é considerado crucial para a história da televisão” (SANTANNA, 2019, p.17).

Com o passar dos anos, a monarquia britânica foi explorando novos espaços na imprensa, como a transmissão do casamento do filho mais velho da Elizabeth II, Charles, com Diana Spencer. A cerimônia, que aconteceu em 1981, foi televisionada¹⁹ e assistida por 750 milhões de pessoas do mundo inteiro. Conforme a popularidade da Família Real crescia e o reinado de Elizabeth II se estendia por longos anos, as notícias referentes à monarquia

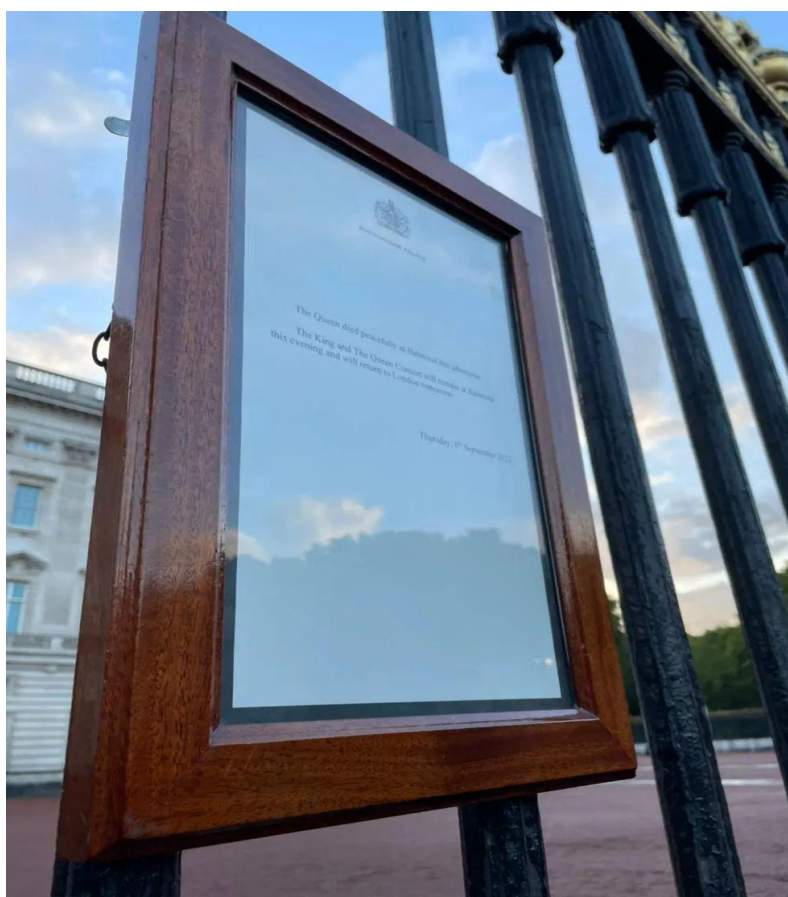
¹⁹ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/09/08/coroacao-jovem-crises-familiares-e-reinado-duradouro-como-foi-a-vida-de-elizabeth-ii.ghml>> Acesso em: 08 out.2022

britânica marcavam presença no agendamento da mídia. Após a monarca atingir uma certa idade, o quadro de saúde passou a ser uma pauta iminente na imprensa internacional.

Foi então que no dia 8 de setembro de 2022 o mundo inteiro recebia a seguinte notícia: Morre a rainha Elizabeth II, aos 96 anos. No mesmo dia, uma placa foi colocada em frente ao Palácio de Buckingham com a seguinte mensagem: "A rainha morreu pacificamente nesta tarde em Balmoral. O rei e a rainha consorte permanecerão em Balmoral nesta noite e retornarão amanhã para Londres", informava o aviso. A mensagem também foi divulgada nas redes sociais da família real.

Figura 16 - Anúncio da morte da rainha em frente ao Palácio de Buckingham



Fonte: Yasmin Castro/g1

Como esperado, a imprensa internacional repercutiu a notícia e acompanhou o velório e sepultamento da rainha. Ao todo, sete correspondentes brasileiros da TV Globo/GloboNews participaram diretamente da cobertura histórica, sendo eles: Rodrigo Carvalho (Inglaterra), Cecilia Malan (Inglaterra), Murilo Salviano (Inglaterra), Carolina Cimenti (Estados Unidos),

Felippe Coaglio (Estados Unidos), Bianca Rothier (Suíça) e Leonardo Monteiro (Portugal). O time de repórteres de Londres contou com o auxílio dos outros quatro correspondentes que contribuíram na cobertura. De acordo com Rodrigo Carvalho, esse trabalho em equipe foi fundamental.

Vieram dois repórteres de Nova York, Carolina Cimenti e o Felipe Coaglio, veio a Bianca Rothier da Suíça e o Leonardo Monteiro de Portugal. Foi a maior cobertura da história do escritório de Londres. Deu certo, conseguimos atender os jornais e fazer as entradas ao vivo. Tivemos equipes na Escócia, Londres e depois Windsor. Foi uma cobertura grande. Foi essencial contar com o reforço dos colegas, até por conta da escala, para que todos pudessem ter uma jornada de trabalho sem ficar muito esgotado. Foi muito cansativo, mas sem os reforços teria sido caótico. (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022)

Ainda de acordo com ele, já existia um planejamento logístico para esse dia, além disso, os repórteres já sabiam que quando o momento chegasse seriam cerca de 10 dias de funeral. “Essa cobertura a gente já vinha planejando aqui no escritório há alguns anos. Nós repórteres já tínhamos feito, cada um, um perfil da rainha - um obituário - que é uma matéria grande contando a história dela para ir ao ar quando ela morresse” (Rodrigo Carvalho, em entrevista à autora, 2022). Ele afirma que, inclusive, esses obituários precisavam ser atualizados constantemente, por cada um, caso acontecesse alguma mudança relevante, como a troca do primeiro ministro.

Após quatro dias de velório aberto ao público, o corpo de Elizabeth II foi sepultado no dia 19 de setembro - ao lado do príncipe Philip, marido da rainha, que faleceu no início de 2021 - no Castelo de Windsor. Nesse dia, o caixão deixou a Abadia de Westminster, por um percurso de 45 minutos pelo centro de Londres, até chegar ao palácio. O Jornal Nacional exibiu uma matéria²⁰ referente ao sepultamento, com contribuição de alguns jornalistas como o repórter Rodrigo Carvalho. De acordo com o correspondente, filhos e netos da monarca seguiram o cortejo a pé e outros integrantes da família real foram em carros. Além disso, a estimativa foi de que 100 mil pessoas acompanharam o cortejo final.

Figura 17 - Corpo da rainha Elizabeth II é sepultado em Windsor

²⁰ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10949778/?s=0s>> Acesso em: 20 out.2022



Fonte: Redes Sociais

Bianca Rothier afirma que logo quando saíram as primeiras informações sobre o estado de saúde da rainha os jornalistas já compreenderam o que estava por vir. “Eu estava trabalhando quando saiu a primeira notícia de que a família estava indo se reunir na Escócia porque a rainha não ia bem. Naquele momento a gente entendeu que a notícia estava ali, então comecei na mesma hora a ver passagens; quais seriam os voos de Genebra para Londres; ver hotel e arrumar os equipamentos” (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022). Rothier ressalta que nesse mesmo dia ela estava fazendo uma matéria sobre outro assunto, por isso, foi preciso conciliar as demandas do dia com os últimos acontecimentos.

Minha matéria do dia era sobre a guerra na Ucrânia. Eu continuei escrevendo a matéria sobre a guerra, mas enquanto a editora aprovava o texto eu fazia a mala; enquanto eu esperava o cinegrafista, para gravar a passagem, eu voltada para fazer a mala. Foi o dia todo assim, até o anúncio da morte ser realmente oficializado. Tive que sair correndo para Londres sem saber exatamente quanto tempo eu ia ficar. (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022)

Durante a cobertura da morte da rainha Elizabeth II, a correspondente internacional destaca que dois pontos chamaram muito atenção. O primeiro foi referente à organização do funeral e, o segundo, relacionado ao respeito que os britânicos demonstraram pela monarca. “Foi impressionante ver toda a organização, tudo coreografado, tudo muito grandioso. Todos os passos, cada etapa, tudo previamente agendado e planejado. Só não sabiam quando tudo seria posto em prática, mas o plano já estava feito” (Bianca Rothier, em entrevista à autora,

2022). Ainda de acordo com a jornalista, muitos detalhes do funeral foram decididos pela própria rainha.

Figura 18 - Carro funerário com o caixão da rainha segue para o Castelo de Windsor



Fonte: REUTERS/Paul Childs

Assim como Rodrigo Carvalho, ela aponta que muitos correspondentes internacionais da Globo/GloboNews participaram da cobertura e não somente os jornalistas do escritório de Londres. Além do reforço, a repórter ressalta que essa foi uma cobertura grandiosa e histórica. Pelo caminho, ela pode ouvir o depoimento de muitos britânicos que ficaram sensibilizados com a morte da rainha.

Outro aspecto muito interessante foi ver o respeito dos britânicos pela rainha, mesmo quem não é a favor da monarquia. Ouvi isso de muitas pessoas, pessoas que dizem que não apoiam a monarquia, que queriam o fim da monarquia, mas que admiravam muito o papel desempenhado pela rainha Elizabeth II, uma mulher que teve esse poder e assumiu essa responsabilidade gigante a 70 anos, em uma época que o mundo era ainda mais machista. Foi bonito ver isso. Foi especial ver os momentos em que eles celebravam a vida da rainha. Segundos depois, quando o caixão passava, era aquele momento de reflexão profunda e respeito, até mesmo incertezas, porque ela representou estabilidade para muita gente. No momento em que há uma transição desse muita gente se perguntava “e agora?” A maioria dos britânicos nunca tinha visto outra rainha. (Bianca Rothier, em entrevista à autora, 2022)

Figura 19 - Homenagens a rainha Elizabeth II no Palácio de Holyroodhouse na Escócia



Fonte: Redes Sociais

Embora apenas dois repórteres dos Estados Unidos tenham se deslocado para a Europa para contribuir na cobertura, é válido mencionar que a repercussão da morte da rainha Elizabeth II foi além do sepultamento. Os desafios que o novo rei, Charles III, deve enfrentar em 2023 também foi uma pauta que ganhou destaque no noticiário internacional. Em um ao vivo para GloboNews²¹ Sandra Coutinho trouxe uma análise desse novo cenário. De acordo com a emissora, a crise econômica seria um dos problemas enfrentados pelo novo monarca.

Figura 20 - Desafios que poderão ser enfrentados pelo rei Charles III

²¹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/globonews/globonewsmais/video/rei-charles-iii-deve-ter-desafios-politicos-na-escocia-irlandas-e-australia-em-2023-entenda-10924275.ghtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_content=post&utm_campaign=gnews> Acesso em: 20 out.2022



Fonte: Reprodução/GloboNews

Sendo assim, é possível observar que os correspondentes internacionais entrevistados neste trabalho participaram ativamente das coberturas analisadas neste estudo. Cada jornalista compartilhou uma visão pessoal da prática exercida na profissão e, os três repórteres, por meio de relatos pessoais, dividiram um pouco da experiência vivenciada durante alguns acontecimentos marcantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso foi compreender a rotina dos correspondentes internacionais brasileiros, em especial, da TV Globo/GloboNews. Além disso, este estudo analisou a participação de três repórteres durante as seguintes coberturas: a pandemia da Covid-19, a Guerra na Ucrânia e a morte da rainha Elizabeth II. A metodologia escolhida para este trabalho foi a pesquisa qualitativa e, durante as entrevistas com os jornalistas Rodrigo Carvalho, Bianca Rothier e Sandra Coutinho, foi possível concluir que a atividade desempenhada diariamente pelos correspondentes conta com um fator determinante: a imprevisibilidade. Existe uma rotina ideal, com uma escala de trabalho e possíveis jornais que cada repórter deve fazer no dia seguinte; no entanto, essa previsão pode mudar a qualquer momento a depender das breaking news.

Em sequência, os objetivos específicos que nortearam este estudo se basearam nas seguintes questões: entender as origens do jornalismo internacional; analisar aspectos da rotina profissional, como adaptação ao fuso horário e processo de produção das notícias; e, por meio de coberturas emblemáticas, compreender os desafios, pontos positivos e negativos da carreira, pelo olhar dos entrevistados. Em relação a esses tópicos, foi possível concluir que essa é uma profissão desafiadora tanto do ponto de vista profissional, quanto pessoal.

Os correspondentes internacionais precisam trabalhar pensando em dois horários, o do Brasil - no caso dos jornalistas brasileiros - e o do país estrangeiro em que residem. Por conta disso, muitas vezes os repórteres precisam trabalhar a mais para dar conta do ofício, afinal, as notícias podem surgir a qualquer instante. Para uma melhor compreensão, basta lembrar do exemplo dos correspondentes Rodrigo Carvalho e Bianca Rothier, que foram acordados por volta das 3h da manhã com a notícia do início do conflito na Ucrânia.

É válido ressaltar que, nesse caso em específico, os jornalistas já vinham se preparando para uma possível cobertura da guerra e, por isso, não foram pegos de surpresa; todavia, de maneira geral, como menciona Silva (2011), o risco de um correspondente na Europa ser despertado de madrugada por editores é imenso. Já os jornalistas que residem nos

Estados Unidos, como a Sandra Coutinho, normalmente enfrentam uma dificuldade maior pela manhã, pois o horário dos Estados Unidos está “atrás do Brasil” - o Bom Dia Brasil e o Jornal Hoje ficam mais cedo para eles, por exemplo. Portanto, é possível concluir que, embora exista uma escala, há uma certa precarização do trabalho, tendo em vista que os correspondentes internacionais tendem a ter uma carga horária mais extensa de serviço e podem ser acionados em diferentes situações.

Em relação aos pontos positivos e negativos da carreira, no decorrer das entrevistas os repórteres Bianca Rothier, Rodrigo Carvalho e Sandra Coutinho levantaram algumas questões. Sobre as desvantagens, de maneira geral, os jornalistas mencionaram que em diversos momentos já tiveram que abrir mão de passar o natal em família, ano novo e, até mesmo, adiar a viagem de férias para cobrir um acontecimento de extrema relevância. Ao contrário de uma vida de glamour, idealizada por muitos, existe uma vida de sacrifícios. Todavia, paralelo a isso, existem diversas vantagens que incidem nessa profissão, como o fato de conhecer novas culturas, dialetos, pontos de vista e, além disso, os correspondentes internacionais têm a honra de testemunhar a história sendo escrita diante deles. Na verdade, não se trata apenas de presenciar os grandes acontecimentos, mas sim, entendê-los e reportá-los para o Brasil respeitando o olhar das pessoas que aqui vivem.

Antes de compartilhar uma notícia, é importante ter a sensibilidade de traduzir os fatos de acordo com os interesses das pessoas que irão assistir o conteúdo, bem como avaliar o que a audiência precisa saber. Sendo assim, o repertório de cada correspondente internacional precisa ir além do jornalismo, afinal, esses profissionais reportam sobre política, cultura, economia e diversos outros assuntos de extrema relevância. Inclusive, o processo de construção de boas fontes é essencial na hora de produzir um conteúdo de qualidade e autêntico, sem depender das agências internacionais de notícias. As agências costumam ter um olhar mais generalista dos acontecimentos e é por isso que o papel do correspondente internacional é tão importante, pois esse profissional é responsável por traduzir as notícias para o país de origem hierarquizando as informações mais relevantes para o seu público. Os correspondentes internacionais entrevistados na pesquisa reforçam a importância de ter boas fontes e de ir até o local em que as notícias acontecem.

No entanto, nem sempre esses repórteres conseguem se deslocar até a região em que o factual os chama; um exemplo disso foi a pandemia da Covid-19. “Fique em casa”, quem não ouviu falar nessa frase nos últimos dois anos? Assim como a maioria das profissões, os correspondentes internacionais foram obrigados a ver o mundo através da janela de casa. Os três jornalistas ressaltam que a rotina mudou drasticamente com a chegada do vírus da Covid-19, isso porque, eles precisaram se adaptar ao modelo de trabalho remoto. Esta análise chegou à conclusão de que esses repórteres precisaram se reinventar profissionalmente, bem como redobrar os cuidados com as fake news - boa parte fruto do negacionismo. Como na época os colaboradores não se encontravam mais presencialmente, o correspondente internacional não contava mais com o auxílio do cinegrafista, por exemplo. Alguns deles precisaram aprender a montar tripé, preparar a luz e fazer a própria gravação; habituar-se a trabalhar sozinho e desenvolver conhecimentos técnicos foi extremamente necessário.

É válido mencionar que, durante a execução desta análise, houve uma certa dificuldade devido a não existência de um acervo muito grande relacionado a historiografia dos correspondentes internacionais de veículos brasileiros. Outro obstáculo encontrado foi definir, de certa forma, como funciona a rotina desses jornalistas, sendo que os próprios profissionais afirmam que a logística do trabalho é repleta de mudanças. Mas enquanto escrevia, percebi que a rotina dos correspondentes internacionais se trata justamente sobre isso: reportar o que acontece no mundo enquanto o mundo acontece; ou seja, é preciso estar preparado para cobrir grandes acontecimentos a qualquer momento, é isso que move a profissão. Aqui, o imprevisível é previsível.

Além dessa percepção, é preciso reconhecer algumas limitações neste estudo: para facilitar ainda mais a compreensão da atividade exercida pelos correspondentes internacionais, poderia ser interessante recolher mais depoimentos e repercutir novas questões acerca das exigências direcionadas aos repórteres internacionais, como por exemplo, os desafios de sair do Brasil e ir morar em um novo país para trabalhar como jornalista. Todavia, este trabalho teve como objetivo primordial analisar o dia a dia desses profissionais já após a estadia em um novo território. Por este motivo, a pesquisa é passível de continuidade.

REFERÊNCIAS

- AGNEZ, L. F. **Perfil profissional dos correspondentes internacionais brasileiros**. Revista Famecos: Mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 41-60, jul./set. 2015. Disponível em: [file:///D:/Downloads/19430-Texto%20do%20artigo-85626-2-10-20150723%20\(10\).pdf](file:///D:/Downloads/19430-Texto%20do%20artigo-85626-2-10-20150723%20(10).pdf). Acesso em: 31 out. 2022.
- AGNEZ, L. F. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais**. 2014. 372 p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17031/1/2014_LucianeFassarellaAgnéz.pdf. Acesso em: 31 out. 2022.
- AGNEZ, L. F. **O jornalismo internacional entre mudanças e permanências**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Santa Catarina, v. 12, n. 2, p. 314-328, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n2p314/30665>. Acesso em: 31 out. 2022.
- AGUIAR, P. **Por uma História do Jornalismo Internacional no Brasil**. 2008. 17 p. Artigo (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação (ECO), Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/2908446/Por_uma_Hist%C3%B3ria_do_Jornalismo_Internacional_no_Brasil. Acesso em: 31 out. 2022.
- AGUIAR, P. **Pesquisa Brasileira sobre Agências de Notícias: revisão bibliográfica de um subcampo**. 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Palhoça, p. 1-20, nov./2016.
- AGUIAR, P. Notas para uma História do Jornalismo de Agências. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. **Anais...** Fortaleza, 2009. p 1-15. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/17884000/Notas-para-uma-Historia-do-Jornalismo-de-Agencias>. Acesso em: 31 out. 2022.
- ALVES, G. B. **O jornalismo interpretativo no globo news internacional: A informação além do hard news**. 2019. 240 p. (Monografia de graduação). Área do Conhecimento de Ciências Sociais, Universidade de Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5458/TCC%20Gabriela%20Bento%20Alves.pdf?sequence=1>. Acesso em: 31 out. 2022.
- ANASTÁCIO, V. H. d. S.; COSTA, C. H. **Em busca de um jornalismo moderno: a chegada do manual de redação à imprensa brasileira**. VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR), São Paulo, p. 1-16, nov./ 2018. Disponível em: <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2018/paper/viewFile/1305/573>. Acesso em: 31 out. 2022.
- APARECIDO, J. M.; AGUILAR, S. L. C. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia. **Série Conflitos**

Internacionais, Observatório de Conflitos Internacionais – OCI, v. 9, n. 1, fev. 2022. Disponível em:

<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v.-9-n.-1fev.-2022.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

BARBOSA, M. Reflexões sobre a imprensa no Brasil de 1808. **Estudos em Jornalismo e Mídia** (UFSC), v. V, n. 2, p. 91-109, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n2p91>. Acesso em: 31 out. 2022.

BRASIL, A. **A construção da imagem do Brasil no exterior**: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 775-794, set./dez. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/12901>. Acesso em: 31 out. 2022.

BRITTO, D. F.. **O papel do correspondente internacional na editoria exterior**. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. CD Anais INTERCOM 2004 - Comunicação, acontecimento e memória, 2004. V. 1. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/53839095583440982036530148915888169975.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

BOECKEL, C. **GLOBONEWS**: O começo do jornalismo 24 horas na TV brasileira. 2004. 94 p. (Monografia de graduação). Escola de Comunicação (ECO), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/813/1/CBoeckel.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

BOGDAN, R. S.; BIKEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 12.ed. Porto: Porto, 2003.

BOLDA, L. G.; CASTRO, S. E. d. **José Hamilton Ribeiro**: o repórter. 2006. 12 p. Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. 2006. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/234065/RELAT%c3%93RIO_FINAL_17.10_Jose_H_Ribeiro.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 31 out. 2022.

BORGES, L. A. d. O. **Entre a informação e a censura no front**: A guerra perdida dos correspondentes. 2005. 77 p. (Monografia de graduação). Faculdade de Comunicação Social e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, 2005. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4141/5/TCCG%20-%20Jornalismo%20-%20Lorena%20Ara%c3%baajo.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

BUSTAMANTE, F. **Duas revoluções**: O percurso estético-político na literatura de John Reed. 2014. 274 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-11112014-191146/publico/2014_FernandoBustamante_VOrig.pdf. Acesso em: 31 out. 2022.

CASTRO, R. M. M. d. **Jornalismo Internacional**: a mudança na editoria Inter nos últimos

50 anos. 2006. 107 p. (Monografia de graduação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1491/3/RMMCastro.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

CAVALCANTI A. C. V., SOARES T.. **A cobertura internacional do Jornal Nacional: efeitos de proximidade e os fatos “a partir de uma perspectiva brasileira”**. Revista TEMÁTICA, v. 10, n. 6, p. 1-17, jun/2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/19497/10774>. Acesso em: 31 out. 2022.

CUNHA, A. A. Telejornalismo. São Paulo, Atlas, 1990.

ESPINOSA DE LOS MONTEROS, G. G.. “Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero”. **Foro Internacional** nº 152- 153, Cidade do México: Hemeroteca Virtual/UNAM, 1998. Disponível em: <https://forointernacional.colmex.mx/index.php/fi/article/view/1490/1480>. Acesso em: 31 out. 2022.

FREIRE, F. L. **As transformações nas rotinas produtivas das redações: Diário de Pernambuco e Jornal Commercio**. 2018. 153 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/30442/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Flora%20Leite%20Freire.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

GAGLIARDO, V. C. **Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista**. 2016. 261 p. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/gagliardovinicius-cranek.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES F. d. S.; KALOUT. H. A guerra na Ucrânia e suas implicações para a segurança internacional. Revista **CEBRI**, Centro Brasileiro de Relações Internacionais, n. 3, p. 1-189, jul./set. 2022. Disponível em: https://cebri.org/revista/media/revistas/arquivos/CEBRI-Revista_3a_edicao_Jul-Se.pdf. Acesso em: 31 out. 2022.

JAMBEIRO, O. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador. EDUFBA, 2001. 261 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/149/4/A%20TV%20no%20Brasil%20do%20seculo%20XX.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

LEAL, M. d. J. D. R. A cobertura internacional do Jornal Nacional: O lugar da América Latina. **Revista UNINTER de Comunicação**, v. 3, n. 5, p. 21-34 | jul./dez. 2015. Disponível em: <file:///D:/Downloads/598-Texto%20do%20artigo-1487-1-10-20151218.pdf>. Acesso em: 1

nov. 2022.

LUCA, Tania Regina. **A grande imprensa na primeira metade do século XX**. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

LUSTOSA, I. O nascimento da imprensa brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MAIA, A. K. A. Análise do Diário de Pernambuco como parte integrante da pesquisa “Um dia na imprensa brasileira”. **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo, p. 1-15, set./2016. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1593-1.pdf>. Acesso em 1 nov. 2022.

MEMÓRIA GLOBO. **História**. 2022. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/historia.ghtml>. Acesso em: 2 nov. 2022.

MEMÓRIA GLOBO. **Sandra Passarinho**. 2021. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/sandra-passarinho/noticia/sandra-passarinho.ghtml>. Acesso em: 2 nov. 2022.

MONTEIRO, J. C. N. Tradução e nacionalidade: a tradução nas páginas do Correio Braziliense. **Eutomia**, Recife, p. 481-487, dez./2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/839/624>. Acesso em: 2 nov. 2022.

MOREIRA, S. V. **O mundo pelas agências de notícias**. Comunicação e Educação, São Paulo, p. 23-26, jan./abr. 1996. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36218/38938>. Acesso em: 1 nov. 2022.

NARDY, L. B. B. **PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL: impactos no trabalho das mulheres**. 2021. 69 p. (Monografia de graduação). Curso de Graduação em Ciências Atuariais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021. Disponível em:

https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/38574/1/PandemiaDaCovid_Nardy_2021.pdf. Acesso em: 1 nov. 2022.

NASCIMENTO, M. P. d. **A formação do paladar televisivo no Brasil: a importância da Rede Globo na construção do telespectador analisada através do formato do fantástico**. 2018. 171 p. (Monografia de graduação). Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Paraná, 2018. Disponível em:

https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/58669/NASCIMENTO_Matheus_Piovesana_a_formacao_do_paladar_televisivo_no_brasil.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

Acesso em: 1 nov. 2022.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. Disponível em:

<https://mairabittencourt.files.wordpress.com/2018/04/o-texto-na-tv-manual-de-telejornalismo->

[vera-iris-paternostro.pdf](#). Acesso em: 1 nov. 2022.

PERIOTTO, M. R. **A imprensa brasileira nos oitocentos e a história da educação: Hipólito da Costa e o Correio Braziliense** Brazilian press in eighteen hundred and history of education: Hipólito da Costa and the “Correio Braziliense”. Série-Estudos ... Campo Grande, MS, n. 36, p. 237-252 jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/709/589>. Acesso em: 1 nov. 2022.

RODRIGUES, C.; MAIA, B. **A longevidade das agências internacionais Reuters e Associated Press em um campo reconfigurado: uma reflexão sobre a credibilidade do jornalismo.** ENTREMEIOS, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-14, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://entremeios.com.puc-rio.br/media/8%20RODRIGUES%20agencias.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

RUSKY, R. S. **O perfil e a rotina dos correspondentes internacionais.** 2013. 46 p. (Monografia de graduação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5057/1/2013_RenataSilveiraRusky.pdf. Acesso em: 1 nov. 2022.

SANTANNA, L. M. d. **Benção e maldição: As estratégias de comunicação da família real britânica do impresso ao digital.** 2019. 51 p. (Monografia de graduação) - Escola de Comunicação (ECO), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/17353/1/L.Santanna.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SANTOS, A. S. d.; ROCHA, P. M. **O newsmaking em estudos de rotina de produção: interfaces conceituais e metodológicas para pesquisas em jornalismo.** Temática, n. 7, p. 39 - 52, jul./2018.

SARTORATO, E. e. S. **Correspondência Internacional, privilégio da grande mídia.** 2005. 62 p. (Monografia de graduação) - Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, 2005. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4135/5/TCCG%20-%20Jornalismo%20-%20Eduardo%20Sartorato.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SILVA, C. E. L. d. **Correspondente internacional.** São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, L. G. F. e. **REPÓRTER ESSO, O radiojornalismo brasileiro e a testemunha ocular da história.** 2006. 63 p. (Monografia de graduação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1521/1/LSILVA.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SOUSA, J. P. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente.** Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC) - Universidade da Beira Interior, Portugal. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SOUTO, F. M. R. **Desafios para a análise do jornalismo internacional.** Aurora, São Paulo, p. 1-13, 2010. Disponível em:

https://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/4_artigo.pdf. Acesso em: 1 nov. 2022.

SOUZA, L. L. d. **A imprensa régia, o tardio nascimento da imprensa no Brasil.** VERBUM, v. 9, n. 1, p. 310-323, mai./2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/42346/pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 2002, 5^a ed.

VIANA, B. C. B.; LIMA, M. É. d. O. **Além das fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional.** XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Recife, p. 1-12, jun./2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1606-1.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

ZIMMER, M. H. **JORNALISMO INTERNACIONAL: o volume de notícias internacionais das revistas Focus (Alemanha) e Época (Brasil) e a falta de agendamento internacional no Brasil.** 2014. 96 p. (Monografia de graduação) - Curso de jornalismo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 2014. Disponível em: file:///D:/Downloads/Jornalismo_Internacional_o_volume_de_not.pdf. Acesso em: 1 nov. 2022.